

Lívia de Mello Reis

**A SINTAXE DOS SUJEITOS LOCATIVOS  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Quarezemin

Florianópolis  
2017

Reis, Livia de Mello

A sintaxe dos sujeitos locativos no português brasileiro / Livia de Mello Reis ; orientador, Sandra Quarezemin, 2017.

90 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Sintaxe. 3. Cartografia. 4. Sujeitos locativos pré-verbais. 5. Português Brasileiro. I. Quarezemin, Sandra. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Lívia de Mello Reis

## A SINTAXE DOS SUJEITOS LOCATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestra em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de maio de 2017.

---

Prof. Dr. Marco Antônio Martins  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Núbia Saraiva Ferreira  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – presidente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Lívia dos Santos Agostinho  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – membro interno

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Karina Zendron da Cunha  
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) – membro  
externo  
(Participação via *Skype*)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Guesser  
Universidade Federal de Roraima (UFRR) – membro externo  
(Participação via *Skype*)

*A meus queridos pais, que me incentivam  
sempre a seguir em busca dos meus sonhos.*



## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me iluminar em cada decisão tomada.

À querida professora orientadora, Sandra Quarezemin, amiga e parceira de todas as horas, que acompanhou minha trajetória acadêmica e acreditou no meu trabalho desde a graduação, sempre com muita dedicação, confiança e carinho.

Aos meus pais, Sílvia e Eduardo, que ocupam um papel essencial em minha vida e que, com muito esforço, paciência e dedicação, me educaram sempre com muito amor. Obrigada por cada palavra de incentivo, por acreditarem em mim e por não medirem esforços para me transformar na pessoa que sou hoje. Amo vocês!

Ao meu irmão Gabriel, pela parceria de vida e por acreditar em meus projetos, sempre me incentivando de forma bem-humorada.

Às professoras, Ana Lívia dos Santos Agostinho, Karina Zendron da Cunha, Simone Guesser e Roberta Pires de Oliveira, por terem aceitado o convite para participar da banca de defesa. Agradeço as valiosas contribuições que, com certeza, enriquecerão as pesquisas futuras.

À querida professora Núbia Saraiva Ferreira, por ter aceitado presidir a banca de defesa.

Ao querido professor Aquiles Tescari Neto da Universidade Estadual de Campinas, que gentilmente me enviou referências bibliográficas sobre a abordagem cartográfica, as quais contribuíram muito com esta pesquisa.

Aos professores da Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, que me proporcionaram tantos momentos de reflexão e de aprendizado.

Aos meus amigos, que incentivaram e apoiaram minhas decisões e que acompanharam minha trajetória ao longo destes anos de estudo.

Aos meus colegas de Mestrado, que estiveram comigo nestes dois anos, compartilhando experiências, angústias e conquistas.

A todas as pessoas que dedicaram alguns minutos de seu tempo para responder meu questionário de aceitabilidade e fazer parte desta pesquisa. Muito obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa está assentada na abordagem cartográfica e tem como tema central a sintaxe dos sujeitos locativos no Português Brasileiro (doravante PB). A ocorrência de PP locativos (PPloc) e DP locativos (DPloc) pré-verbais se configura como alternância sintática, a qual, muitas vezes, está relacionada à topicalização de constituintes. O *status* tipológico do PB não é consenso entre pesquisadores. Um grupo de pesquisadores defende o PB como língua voltada para o discurso, isto é, língua de proeminência de tópico (cf. PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001; DUARTE, 2004; KATO, 2006; DUARTE; KATO, 2008; AVELAR, 2009), enquanto há autores que defendem a classificação do PB como língua de proeminência de sujeito (cf. DUARTE, 1996; KENEDY, 2002). Dessa forma, nosso principal objetivo é investigar a estrutura sintática de construções com PPloc e DPloc pré-verbais, como, por exemplo, [Na escola]<sub>PPloc</sub> aceita/aceitam cartão de crédito e [A escola]<sub>DPloc</sub> aceita cartão de crédito. Para tanto, nossas hipóteses iniciais são: 1) PPloc e DPloc fronteados não estão localizados, necessariamente, em posição de tópico; e 2) tais estruturas, embora aparentemente similares, não devem receber o mesmo tratamento sintático, o que corrobora com a ideia de diferentes posições destinadas ao sujeito (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI, 1997; 2004; 2006; RIZZI; SHLOSKY, 2007; BELLETTI, 2004; 2008; 2014). Quanto à metodologia, optamos por uma pesquisa quali-quantitativa, já que realizamos análise de dados do PB, retirados de estudos preliminares e aplicamos um questionário de aceitabilidade com falantes nativos da língua, a fim de verificar a gramaticalidade dos dados analisados. A partir da análise realizada, foi possível verificar que as construções com PPloc e DPloc fronteados, de fato, não apresentam a mesma estrutura sintática, embora os dois constituintes configurem como sujeitos da predicação (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014; QUAREZEMIN, 2016; 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

**Palavras-chave:** Sintaxe. Cartografia. Sujeitos locativos pré-verbais. Português Brasileiro.



## ABSTRACT

The present research is based on the cartographic approach and its central theme is the syntax of locative subjects in Brazilian Portuguese (PB). The occurrence of preverbal locative PP (PP<sub>loc</sub>) and preverbal locative DP (DP<sub>loc</sub>) is configured as syntactic alternation, which is often related to topicalization of constituents. The typological status of PB is not a consensus among researchers. A group of researchers defends the PB as a language focused on the discourse, that is, a topic-prominent language (PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001; DUARTE, 2004; KATO, 2006; DUARTE; KATO, 2008; AVELAR, 2009), while there are others authors who defend the classification of PB as a subject-prominent (DUARTE, 1996; KENEDY, 2002). In this way, our main objective is to investigate the syntactic structure of PP<sub>loc</sub> and pre-verbal DP<sub>loc</sub> constructions, such as [Na escola]<sub>PP<sub>loc</sub></sub> aceita/aceitam cartão de crédito. / [A escola]<sub>DP<sub>loc</sub></sub> aceita cartão de crédito. In order to do so, our initial hypotheses are: 1) preverbal PP<sub>loc</sub> and preverbal DP<sub>loc</sub> are not necessarily located in topic position; and 2) such structures, although apparently similar, should not receive the same syntactic treatment, which corroborates with the idea of different positions aimed at the subject (CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI, 1997; 2004; 2006; RIZZI; SHLOSKY, 2007; BELLETTI, 2004; 2008; 2014). Regarding the methodology, we opted for a qualitative-quantitative research, since we performed data analysis of the PB, taken from preliminary studies and applied a questionnaire of acceptability with native speakers of the language, in order to verify the grammaticality of the data analyzed. From the analysis performed, it was possible to verify that the constructions with PP<sub>loc</sub> and DP<sub>loc</sub> fronted, in fact, do not present the same syntactic structure, although the two constituents configure as subjects of predication (CARDINALETTI, 2004; 2014; QUAREZEMIN, 2016; 2017; QUAREZEMIN, CARDINALETTI, 2017).

**Keywords:** Syntax. Cartography. Locative preverbal subjects. Brazilian Portuguese.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta de estrutura sintática para sentenças absolutas .....	51
Figura 2 – Proposta de estrutura sintática do português como segunda língua.....	55



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Paradigma flexional do PB.....	39
Quadro 2 – Possibilidades de ordem VS em PB .....	42
Quadro 3 – Exemplos de inversão locativa possíveis no PB.....	53
Quadro 4 – Sentenças julgadas pelos falantes do PB .....	69



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados para sentenças com PPloc fronteado .....	71
Tabela 2 – Resultados para sentenças com DPloc fronteado .....	73
Tabela 3 – Resultados ref. à aceitabilidade de traços impessoais ..	74
Tabela 4 – Comparando a possibilidade de traços impessoais entre sentenças locativas .....	75
Tabela 5 – Comparando a possibilidade de traços impessoais entre sentenças locativas .....	75
Tabela 6 – Sentenças com DP pré-verbal e o uso de SE .....	77



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>21</b>
1.1 Apresentando o objeto de estudo .....	21
1.2 Objetivos, hipóteses e metodologia .....	23
1.3 Pressupostos teóricos .....	24
<b>1.3.1 Notas sobre a abordagem cartográfica.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3.2 O domínio IP .....</b>	<b>25</b>
<b>1.3.3 O domínio CP .....</b>	<b>26</b>
<b>1.3.4 O domínio Pré-verbal e a posição SpecSubjP.....</b>	<b>29</b>
1.4 Resumo do Capítulo 1.....	34
<b>2 O sujeito no português brasileiro.....</b>	<b>35</b>
2.1 Princípio da projeção estendida .....	35
2.2 Parâmetro pro-drop .....	36
<b>2.2.1 Sistema flexional e pronominal do PB.....</b>	<b>39</b>
<b>2.2.2 Inversão livre do sujeito – ordem VS .....</b>	<b>41</b>
2.3 PB como língua de proeminência de tópico.....	43
2.4 PB como língua de proeminência de sujeito .....	45
2.5 Diferentes abordagens sobre a sintaxe do PP locativo pré-verbal.....	48
<b>2.5.1 Processo de impessoalização no PB .....</b>	<b>48</b>
<b>2.5.2 Inversão locativa e a influência das línguas Bantu.....</b>	<b>52</b>
<b>2.5.3 Concordância locativa .....</b>	<b>56</b>
<b>2.5.4 Sujeitos pré-verbais não topicalizados .....</b>	<b>59</b>
2.6 Resumo do Capítulo 2.....	64
<b>3 A sintaxe do sujeito em construções com PP locativo e DP locativo pré-verbais .....</b>	<b>67</b>
3.1 Descrição dos PP locativos e DP locativos pré-verbais .....	67
3.2 Questionário de aceitabilidade.....	68
<b>3.2.1 Metodologia do experimento.....</b>	<b>69</b>

<b>3.2.2 Resultados do experimento .....</b>	<b>71</b>
3.3 Traçando uma proposta cartográfica para os dados do PB .....	74
3.4 Resumo do Capítulo 3 .....	80
<b>Considerações finais.....</b>	<b>83</b>
<b>Referências.....</b>	<b>85</b>

## INTRODUÇÃO

### 1.1 APRESENTANDO O OBJETO DE ESTUDO

A presente dissertação tem como tema central a sintaxe do sujeito no português brasileiro (doravante PB), língua que apresenta um comportamento interessante, já que licencia casos em que a primeira posição pode ser preenchida por sintagmas não argumentais, como nos exemplos em (1).

- (1) a. Naquela loja do shopping vende/vendem roupas baratas.  
 b. No curso ensina/ensinam bordado à mão.  
 c. Nessa fazenda planta/plantam soja.

Nos exemplos apresentados, os PP locativos (PPloc) [naquela loja do shopping], [no curso] e [nessa fazenda] não checam Caso nominativo e concordância e, por isso, não podem ser considerados sujeitos lógicos da sentença (cf. AVELAR, 2009; AVELAR; CYRINO, 2009; AVELAR; GALVES, 2011). Cabe ressaltar que, por sujeito lógico, entendemos aquele que configura como sujeito semântico e que está associado ao argumento externo do verbo. Avelar (2009) defende que o paradigma flexional do PB "autoriza" relações de concordância entre o verbo e o PPloc, uma vez que tal constituinte, geralmente não-argumental, ocorre na posição gramaticalmente destinada a um sujeito argumental. Entretanto, há evidências de que tais constituintes devam ser considerados sujeitos da predicação (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014; QUAREZEMIN, 2016; 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

Tais construções são consideradas, por muitos autores, inovadoras e restritas ao PB (cf. AVELAR; CYRINO, 2008; AVELAR; GALVES, 2011; 2013). Entretanto, há autores que problematizam esta questão, revelando que estas estruturas são possíveis em outras línguas românicas, como o português europeu (PE) e o italiano (cf. COSTA, 2010; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

Sobre a tipologia linguística, Li e Thompson (1976) defendem que estruturas de tópicos, como em (2), são comuns às línguas naturais.

- (2) a. Os carros, furou o pneu.  
 b. Essas casas, bate muito sol.

As sentenças apresentadas em (2) contém uma vírgula, sinalizando uma pausa, a qual indica que o constituinte frontado está em posição de tópico. Tais construções, vale ressaltar, são aceitas tanto em PB quanto em PE (cf. AVELAR; GALVES, 2011). No entanto, sentenças como (3) também são aceitas em PB, ao contrário do PE que não licencia tais construções.

- (3) Os carros furaram o pneu. – PB<sup>ok</sup> PE\*  
Essas casas batem muito sol. – PB<sup>ok</sup> PE\*

(AVELAR; GALVES, 2011, p. 69)

A alternância sintática, muitas vezes, está associada à topicalização e, por isso, há pesquisadores que defendem o PB como língua voltada para o discurso, isto é, língua de proeminência de tópico (cf. PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001; DUARTE, 2004; KATO, 2006; DUARTE; KATO, 2008; AVELAR, 2009). Entretanto, há autores que defendem a classificação do PB como língua de proeminência de sujeito, como é o caso do italiano e do PE, por exemplo (cf. DUARTE, 1996; KENEDY, 2002).

Como podemos observar, o *status* tipológico do PB não é consenso entre pesquisadores. Assim, pretendemos investigar construções com PPloc (4a, a' e 5a, a') e DP locativo (DPloc) (4b, b' e 5b, b'), a fim de colaborar com esta discussão.

- (4) a. Nessa rádio toca as melhores músicas.  
a'. Nessa rádio tocam as melhores músicas.  
b. Essa rádio toca as melhores músicas.  
b'. \*Essa rádio tocam as melhores músicas.
- (5) a. Na escola aceita cartão de crédito.  
a'. Na escola aceitam cartão de crédito.  
b. A escola aceita cartão de crédito.  
b'. \*A escola aceitam cartão de crédito.

Sobre os exemplos (4a), (4b) e (5a), (5b), Avelar (2009) e Avelar e Cyrino (2008; 2009) acreditam que há concordância entre PPloc/DPloc e o verbo. Contudo, Quarezemin (2016) mostra evidências e defende que o verbo concorda com um *pro*<sub>genérico</sub> de terceira pessoa do singular ou do plural nos casos de PPloc pré-verbal, o que não é possível com o DPloc, como observamos em (4b') e (5b').

Na próxima seção, apresentaremos objetivos, hipóteses e metodologia desta pesquisa.

## 1.2 OBJETIVOS, HIPÓTESES E METODOLOGIA

A pesquisa está assentada na abordagem cartográfica, a qual busca, de modo geral, investigar as estruturas sintáticas e a hierarquia das posições destinadas aos diferentes tipos de constituintes. Dessa forma, nosso principal objetivo é investigar a sintaxe de sentenças com PPloc e DPloc fronteados, as quais são frequentes no PB.

Para tanto, apresentamos duas hipóteses iniciais. A primeira é que PPloc e DPloc fronteados não estão localizados, necessariamente, em posição de tópico. A segunda é que, embora aparentemente similares, estas estruturas não devem receber o mesmo tratamento sintático, o que corrobora com a ideia de diferentes posições destinadas ao sujeito (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI, 1997; 2004; 2006; RIZZI; SHLOSKY, 2007; BELLETTI, 2004; 2008; 2014).

Nesse sentido, tal análise busca contribuir com a investigação da divisão do domínio flexional, o qual comporta diferentes posições para sujeito, em relação a traços distintos ligados aos constituintes em posição pré-verbal, conforme defendido por Cardinaletti (2004; 2014).

Com relação à metodologia utilizada, tem-se uma pesquisa de cunho teórico, já que optamos por realizar uma revisão bibliográfica dos estudos já existentes na área. Quanto à abordagem, temos uma pesquisa quali-quantitativa. Qualitativa, pois realizamos análise de dados do PB, retirados de estudos preliminares sobre o assunto; e quantitativa, já que optamos por aplicar um questionário de aceitabilidade com falantes da língua, a fim de verificar a gramaticalidade de algumas sentenças analisadas.

Para fins de organização, o trabalho está estruturado da seguinte forma: na próxima seção deste capítulo, apresentamos, em linhas gerais, a abordagem que orienta esta pesquisa: a Cartografia. No capítulo 2, apresentamos o comportamento do PB, frente às características implicadas ao sujeito nas línguas naturais. É também neste capítulo que estabelecemos um panorama geral sobre as sentenças locativas, a partir de diferentes estudos realizados. Por fim, no capítulo 3, assumimos uma proposta de estrutura sintática para as sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais, levando em consideração os resultados do questionário de aceitabilidade, aplicado com falantes do PB.

### 1.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos o modelo teórico adotado nesta pesquisa: a Cartografia.

#### 1.3.1 Notas sobre a Abordagem Cartográfica

Em linhas gerais, a Cartografia, como o próprio nome sugere, trabalha com a elaboração de “mapas sintáticos”, isto é, mapas de estruturas sintáticas das línguas naturais.

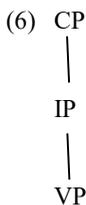
De acordo com Cinque e Rizzi (2008, p. 42),

A cartografia de estruturas sintáticas é a linha de pesquisa que trata do seguinte tópico: é a tentativa de desenhar mapas das configurações sintáticas tão precisos e detalhados quanto possíveis (CINQUE e RIZZI, 2008, p. 42, tradução nossa<sup>1</sup>).

Ou seja, as pesquisas embasadas na abordagem cartográfica trabalham com mapas detalhados das estruturas sintáticas, os quais determinam as diferentes posições destinadas aos diferentes tipos de constituintes.

A Cartografia, então, investiga estes mapas em relação à estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos, identificando representações complexas com posições destinadas a diferentes interpretações (cf. RIZZI, 1997, 2004; BELLETTI 2001, 2004; CINQUE; RIZZI, 2008).

De acordo com Chomsky (1970; 1980), para a formação de sentenças há uma hierarquia de constituintes complexos de natureza funcional (CP e IP) e lexical (VP), a qual está representada em (6).




---

<sup>1</sup> *The cartography of syntactic structures is the line of research which address this topic: it is the attempt to draw maps as precise and detailed as possible of syntactic configurations.*

Cada constituinte de uma dada sentença tem seu próprio importe semântico/pragmático ou estrutural, apresentando, assim, propriedades específicas (cf. MIOTO, 2001). Convém ressaltar, ainda, que, além de estudar a estrutura interna dos constituintes, a Cartografia estuda a forma como eles se relacionam entre si, através de movimentos (*merge interno*).

O PB é interessante por ser uma língua que “parece não admitir movimento de I para C, pelo menos na sintaxe visível”, conforme destaca Mito (2001, p. 98). A respeito das interrogativas, o PB permite a expressão Wh *in situ*, mesmo em interrogativas não-eco. Por outro lado, viola o filtro *Doubly Filled Comp* já que permite interrogativas com a expressão Wh no Spec de CP e um complementizador *que* em C.

### 1.3.2 O domínio IP

A partir dos estudos de Pollock (1989) sobre a posição do advérbio de negação e do verbo lexical no inglês e no francês, foi possível avançar nas investigações sobre o domínio IP.

Partindo do pressuposto de que a posição do advérbio é fixa, adjungida ao VP, o autor defende que há movimento do verbo para uma projeção funcional acima de VP, se este aparecer à esquerda do advérbio, como acontece no francês. Por outro lado, a exemplo do inglês, se o verbo aparecer à direita do advérbio, isto indica que o verbo continua no domínio VP. Assim, constatamos que há diferença estrutural nas línguas, com relação ao movimento do verbo: no francês, o constituinte verbal se move para uma posição mais alta, o que não ocorre no inglês, como em (7).

- (7) a. \*John kisses often Mary.  
 b. Jean embrasse souvent Marie.  
 (João beija frequentemente Maria)  
 c. John often kisses Mary.  
 d. \*Jean souvent embrasse Marie.  
 (João frequentemente beija Maria)

(POLLOCK, 1989, p. 367)

A explicação de Chomsky (1989) para o movimento do verbo nestas línguas está ligada ao nódulo Agr. O inglês apresenta Agr fraco e, por isso, não é capaz de atrair os verbos, com exceção dos auxiliares. O francês, por sua vez, apresenta Agr forte, ocasionando a subida do verbo.

Em relação à posição do advérbio de negação, Pollock (1989) argumenta que este ocupa sempre a mesma posição. Essa característica é comum em ambas as línguas analisadas, conforme (8).

- (8) a. \*John likes not Mary.  
 b. Jean (n') aime pas Marie.  
 c. John does not like Mary.  
 d. \*Jean ne pas aime Marie.  
 (João não gosta de Maria)

(POLLOCK, 1989)

Cabe ressaltar, ainda, que o advérbio de negação ocupa uma posição na área da flexão – NegP. O núcleo da posição destinada à negação (Neg) está conectado ao verbo, no entanto, não faz parte da sua morfologia.

A área flexional teria, então, a seguinte representação:

- (9) [AgrP [Agr [NegP [Neg [TP [T [AdvP [Adv [<sub>VP</sub> ]]]]]]]]]]]

A partir de (9), é possível perceber que o domínio IP é desmembrado em dois núcleos funcionais, AgrP e TP, e seus núcleos Agr e T, respectivamente, são ligados à morfologia verbal, diferentemente do núcleo da negação – Neg.

### 1.3.3 O domínio CP

De modo geral, o domínio CP é a área da estrutura cartográfica que acomoda constituintes com propriedades discursivas e de escopo. Caracteriza-se por uma estrutura complexa, já que é dividido em dois subsistemas, a partir da proposta de Rizzi (1997). Dessa forma, o domínio CP tem a seguinte configuração:

- (10) ForceP > TopP > FocP > TopP > FinP > IP

A partir de (10), observamos que o domínio CP é composto por quatro categorias funcionais que, por sua vez, são divididas em dois subsistemas: ForceP – FinP e TopP – FocP (cf. RIZZI, 1997).

ForceP é responsável pelo tipo de sentença (declarativa, interrogativa, etc) e também pela relação dela com a estrutura superior – no caso das sentenças encaixadas, a estrutura superior é a sentença matriz.

- (11) a. O Marcelo beijou a Ana ontem.  
b. O Marcelo beijou a Ana ontem?

Partindo da generalização de Miotto (2001, p. 101) – “Existe CP encabeçando cada sentença”, observamos que as sentenças dispostas em (11) se diferenciam a partir do CP, embora não exista nenhum item explicitando esse domínio. Em PB, a diferença entre elas é a entoação.

A categoria ForceP também está ligada às sentenças encaixadas e às orações relativas.

- (12) a. O João perguntou [<sub>ForceP</sub> onde (que) a Maria encontrou o Pedro].  
b. \*O João perguntou [<sub>ForceP</sub> que a Maria encontrou o Pedro no cinema].  
c. O João acha [<sub>ForceP</sub> que a Maria encontrou o Pedro no cinema].  
d. \*O João acha [<sub>ForceP</sub> onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

(MIOTTO, 2001, p. 102)

De acordo com o autor, o verbo *perguntar* em (12a) subcategoriza um ForceP interrogativo, condição não atendida em (12b), onde ForceP é declarativo. Já em (12c) e (12d) acontece o contrário, já que o verbo *achar* subcategoriza um ForceP declarativo.

- (13) a. {<sub>D</sub> O [<sub>ForceP</sub> livro<sub>i</sub> que (o João leu t<sub>i</sub>)]}  
b. O livro que o João leu...

(MIOTTO, 2001, p. 103)

Em (13), o Spec de ForceP é preenchido pelo NP deslocado de sua posição básica, enquanto Force é preenchido com o pronome *que* relativo.

Segundo Rizzi (1997) e Miotto (2001), o Spec de ForceP é invariavelmente vazio antes do *spell out*. A partir disso, se definem as propriedades do núcleo Force e as condições que determinam se o Spec de ForceP será preenchido ou ficará vazio. Se o núcleo Force for marcado pelo traço declarativo [+decl], seu Spec ficará vazio, como em (CCc). Já se for marcado pelo traço relativo [+rel], seu Spec deverá ser preenchido por um NP, conforme (13).

FinP, por sua vez, tem a função de conectar o domínio CP ao domínio IP, além de codificar informações que expressam a finitude da sentença. Miotto (2001) afirma que as sentenças matrizes são finitas em geral e, por isso, um ForceP declarativo nunca licencia um FinP infinitivo.

Contudo, uma matriz infinitiva é possível se licenciada por um ForceP interrogativo ou imperativo, como (14).

- (14) a. O que fazer numa situação dessas?  
 b. Fazer o quê?  
 c. Girar a alavanca à direita.  
 d. Não apoiar na porta.

(MIOTO, 2001, p. 104)

Rizzi (1997) aponta que Fin é preenchido por complementadores preposicionais, como o *for* do inglês e o *di* do italiano. A partir disso, Mioto (2001) afirma que não é óbvio que exista um preenchedor para Fin no PB. A preposição *para*, quando funcional, é um item cotado para preencher tal posição.

- (15) a. \*Ela pediu, os meninos, para eu chamar mais cedo.  
 b. \*?Ela pediu, amanhã, para eu acordar cedo.  
 c. Ela pediu para que eu acordasse os meninos mais cedo.

(MIOTO, 2001, p. 105)

Entretanto, o autor observa que não se pode argumentar em termos de distribuição, pois nenhum constituinte do tipo foco/tópico precede a preposição *para*, como em (15a) e (15b). Se a preposição preenche Fin, poderia haver um TopP ou um FocP à esquerda para ser ocupado pelas expressões *os meninos* e *amanhã*. Além disso, (15a) e (15b) quando comparados com (15c), poderia se concluir que *para* tem na estrutura um lugar mais alto do que ForceP, pois antecede o pronome *que*.

O segundo subsistema, TopP – FocP, fica responsável por acomodar constituintes como tópico (16) e foco (17), respectivamente, os quais aparecem na periferia esquerda da sentença.

- (16) Your book<sub>i</sub>, you should give \_\_\_<sub>i</sub> to Paul (not to Bill).  
 (O seu livro<sub>i</sub>, você deveria dar \_\_\_<sub>i</sub> para Paulo (não para Bill)).
- (17) YOUR BOOK<sub>i</sub> you should give \_\_\_<sub>i</sub> to Paul (not mine).  
 (O SEU LIVRO<sub>i</sub> você deveria dar \_\_\_<sub>i</sub> a Paulo (não o meu)).

(RIZZI, 1997, p. 285)

Em (16), o tópico *your book* aparece separado da sentença por uma vírgula, representando pausa, e veicula uma informação já compartilhada pelos interlocutores. Após a vírgula, aparece um predicado complexo que se aplica ao tópico conhecido por comentário. Já em (17), *your book* passa a ser foco, já que é destacado por um pico acentual e expressa uma informação não pressuposta por pelo menos um dos interlocutores do discurso. Assim, o DP *your book*, em ambas as sentenças (16) e (17), está configurado na periferia esquerda da sentença. A diferença é que, quando topicalizado, é gerado no especificador de TopP e, quando focalizado, é movido para o especificador de FocP.

Cabe ressaltar, ainda, que TopP e FocP só estarão presentes em sentenças que apresentem as condições de tópico ou de foco e, quando aparecem, estão encaixados entre ForceP e FinP (18).

(18) [ForceP [Force [TopP [Top [FocP [Foc [TopP [Top [FinP [Fin [<sub>IP</sub> ]]]]]]]]]]]]

### 1.3.4 O domínio Pré-verbal e a posição SpecSubjP

Cardinaletti (2014) discute em sua pesquisa o parâmetro relacionado às línguas de sujeito nulo que, para ela, é equivocado:

- Em línguas de sujeito nulo, o DP sujeito pré-verbal é tópico e/ou figura na posição A-barra.
- Em línguas de sujeito não-nulo, o DP sujeito pré-verbal é um sujeito real e está assentado na posição A-barra.

A autora defende que a posição do sujeito pré-verbal não é um critério adequado para diferenciar as línguas de sujeito nulo e as línguas de sujeito não-nulo, uma vez que isso implicaria em uma diferença semântica entre sentenças simples, como em (19).

- (19) a. Gianni parla inglese.  
 b. John speaks English.  
 c. João fala inglês.

Seria esperado que as sentenças em (19) tivessem informações semânticas distintas em línguas com classificações diferentes quanto ao parâmetro do sujeito nulo – italiano, língua *pro-drop* prototípica; inglês, língua não *pro-drop*; PB, língua *pro-drop* parcial. Entretanto, não há. Assim, o sujeito pré-verbal pode ser tópico, mas não necessariamente.

Em contextos *out-of-the-blue*, o aparecimento de sentenças com tópico não é esperado como resposta (20c), já que não há nenhuma informação compartilhada entre os falantes (cf. QUAREZEMIN, CARDINALETTI, 2017).

- (20) a. O que aconteceu?  
 b. A Maria comprou um carro novo.  
 c. # Um carro novo, a Maria comprou.

Quarezemin (2017) observa que contextos com verbos meteorológicos apresentam um comportamento interessante, uma vez que parecem ser possíveis em contextos *out-of-the-blue* com o PPloc frontado, como em (21).

- (21) a. O que aconteceu?  
 b. Em algumas cidades de SC nevou no inverno.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 17)

Avelar e Galves (2011) propõem que o PPloc está em posição de sujeito SpecTP. Entretanto, Quarezemin (2017) ressalta que, para isso, seria esperado que a concordância entre sintagma locativo e verbo fosse acionada, o que não ocorre, conforme apresentado em (22).

- (22) a. Em algumas cidades de SC neva no inverno.  
 b. \*Em algumas cidades de SC nevam no inverno.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 17)

De acordo com a autora, o PPloc em (21b) deve estar em uma posição de sujeito que não está associada à checagem de Caso. Uma posição de tópico, deslocada à esquerda, também é descartada visto a compatibilidade da sentença com um contexto do tipo *O que aconteceu?*.

Cardinaletti (2014) acredita que as diferenças entre línguas de sujeito nulo e de sujeito não-nulo são minimizadas pelo fato de a área do sujeito pré-verbal ser mais uniforme entre as línguas do que a área do sujeito pós-verbal. A diferença fica reduzida, então, à natureza do núcleo de concordância.

Em relação às posições para sujeito, Cardinaletti (2004; 2014) aponta que há pelo menos duas posições funcionais, que estão inseridas no domínio flexional, segundo traços distintos, como o traço de caso nominativo e o traço EPP, por exemplo. O *middlefield* passa a ser

composto por projeções específicas [SubjP... AgrSP... TP] (cf. SHLONSKY, 1994; RIZZI; SHLONSKY, 2006; CARDINALETTI, 2004; 2014), melhor ilustrado em (23).

(23) [COMP ForceP TopP\* FocusP FinP [INFL SubjP AgrSP TP ... [VERB VP ]]]

A primeira posição é SpecAgrSP, uma posição mais baixa, relacionada à questão estrutural, como, por exemplo, a satisfação do traço nominativo e da concordância. Cabe ressaltar que esta posição pode ser preenchida por um pronome expletivo e que, em algumas análises, aparece fundida com a categoria TP.

Já a segunda é SpecSubjP, uma posição mais alta na estrutura que expressa a propriedade semântica de sujeito da predicação (*'subject-of-predication feature'*) e que, por isso, deve ser preenchida por um sujeito referencial. Cabe destacar que SpecSubjP não pode ser preenchida por *pro* e pronomes fracos, já que estes não se qualificam como sujeitos da predicação. Entretanto, esta posição se mostra relevante justamente por permitir o alojamento de sujeitos sem concordância (*'non-agreeing'*), como, por exemplo, XPs dativos e locativos, ou que não se movem por necessidade de Caso estrutural.

A partir da estrutura em (23), verificamos que as posições para o sujeito pré-verbal são posições argumentais, diferentes das posições A-barra, localizadas no domínio CP. Assim, de acordo com a abordagem proposta, um constituinte, mesmo que não cheque traços-phi e Caso, pode ser o sujeito da predicação, como ocorre em sentenças com verbos psicológicos (24a), sentenças com verbos inacusativos (24b) e sentenças copulares invertidas (24c) do italiano.

- (24) a. A Gianni piaceva molto la musica.  
 (Ao João agradava muito a música).  
 b. Su Gianni è caduta una grande disgrazia.  
 (Sobre João caiu uma grande desgraça).  
 c. La causa della rivolta sono Gianni e Maria.  
 (A causa da revolta são João e Maria).

(CARDINALETTI, 2004, p. 122; 125)

(25) [<sub>SubjP</sub> Su Gianni<sub>i</sub> [<sub>AgrSP</sub> pro<sub>expl</sub> è caduta [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> una grande disgrazia]]].

Na representação proposta em (25), o movimento ocorre porque o constituinte frontado deve checar o traço de sujeito da predicação em

SpecSubjP. Cardinaletti (2004; 2014) explica que o Caso nominativo e os traços- $\phi$  são checados pelo tema pós-verbal através da cadeia com o expletivo *pro* em SpecAgrSP ou via relação de concordância a longa distância.

Cardinaletti (2004) utiliza as construções do tipo *Aux-to-Comp* e *complementizer-deletion* como testes possíveis para verificar a posição de sujeito no italiano.

- (26) a. Avendo Gianni/egli telefonato a Maria, ...  
(Tendo João/ele telefonado para Maria...)  
b. \*Avendolo il libro dato a Gianni ieri, ...  
(Tendo o livro dado ao João ontem...)
- (27) a. Credevo Gianni/egli avesse telefonato a Maria.  
(Acreditava (que) João/ele tivesse telefonado para Maria.)  
b. ??Credevo il libro Maria lo avesse dato a Gianni.  
(Acreditava (que) o livro Maria o tivesse dado ao João.)

(CARDINALETTI, 2004, p. 141)

Em (26a) e (27a), a autora observa que o sujeito pré-verbal não impede a subida do auxiliar para CP. Entretanto, quando o constituinte está deslocado, como em (26b) e (27b), isto não é possível. Por este motivo, Cardinaletti (2004) defende a posição SubjP como uma posição argumental, e não A-barra.

No PB, Cardinaletti e Quarezemin (2017) mostram uma situação parecida com sentenças condicionais subordinadas sem o complementizador, como (28a).

- (28) a. Tivesse o João dado o livro para Maria...  
b. \*O João tivesse dado o livro para Maria...  
c. O João tivesse ele dado o livro para Maria...
- (29) a. \*Tivesse o livro o João dado (ele) para Maria...  
b. O livro tivesse o João dado ele para Maria...  
c. \*Tivesse para Maria o João dado o livro...  
d. Para Maria tivesse o João dado o livro para ela...

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 05)

As autoras mostram que o sujeito deve seguir o verbo alçado, não podendo precedê-lo (28b), a não ser que esteja explicitamente deslocado, conforme (28c). Outros complementos apresentam comportamento

oposto, uma vez que eles só são possíveis se precederem o verbo, como em (29b) e (29d).

Outra evidência que aponta para o fato de que o sujeito deve estar em posição argumental no PB é a extração-Wh (cf. QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

- (30) a. Quem<sub>i</sub> (que) [<sub>TP</sub> a Ana convidou t<sub>i</sub> pra festa]?  
 b. ??Quem<sub>i</sub> (que) [<sub>TopP</sub> a Ana, [<sub>TP</sub> ela convidou t<sub>i</sub> pra festa]?  
 c. ??Quem<sub>i</sub> (que) [<sub>TopP</sub> a Ana, [<sub>TopP</sub> pra festa [<sub>TP</sub> ela convidou t<sub>i</sub>]?]

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 05)

A partir de (30), as autoras afirmam que o sujeito não cria nenhum efeito de interferência, enquanto o constituinte deslocado, sim. Assim, em (30a) o movimento da expressão-Wh para CP é possível, já que o sujeito pré-verbal está em posição A-barra.

As autoras observam ainda a existência do pronome fraco<sup>2</sup> em PB, o qual só é possível figurar em posição baixa, conforme os dados em (31).

- (31) a. A Maria, essa casa ela comprou.  
 b. \*A Maria, ela essa casa comprou.

Notamos que quando o sujeito e o objeto estão deslocados, o pronome resumptivo deve seguir o objeto (31a). Se isso não ocorre, a sentença se torna agramatical, como em (31b). Tal evidência corrobora com a ideia de que temos pelo menos duas posições distintas de sujeito no PB (cf. QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

---

<sup>2</sup> Pires (2007, p. 132 *apud* QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017) verifica um contraste entre o pronome *você* e sua forma reduzida *cê*, com relação à posição estrutural, o que parece evidenciar uma distinção entre pronomes forte e fraco em PB:

- (32) a. Você, o seu pai *cê* pode convidar.  
 b. \**Cê*, o seu pai *cê* pode convidar.
- (33) a. Você, (vo)*cê* pode convidar o seu pai.  
 b. \**Cê*, *cê* pode convidar o seu pai.

As construções acima mostram que o pronome *você* pode ocupar uma posição hierarquicamente mais alta, deslocada. Já a forma *cê* só pode figurar em posição argumental.

## 1.4 RESUMO DO CAPÍTULO 1

Neste primeiro capítulo apresentamos o comportamento interessante do PB, língua que licencia casos em que a primeira posição pode ser preenchida por sintagmas não argumentais, como (34).

(32) a. Naquela loja do shopping vende/vendem roupas baratas.

Assim, nosso principal objetivo é investigar a sintaxe de sentenças com sintagma locativo em posição pré-verbal, as quais são recorrentes no PB. Para isso, traçamos duas hipóteses: 1) embora aparentemente similares, sentenças com PPloc e DPloc fronteados não devem receber o mesmo tratamento sintático; e 2) PPloc e DPloc pré-verbais não estão localizados, necessariamente, em posição de tópico.

Com isso, a pesquisa busca contribuir com a investigação da divisão do domínio flexional, o qual comporta diferentes posições para sujeito, em relação a traços distintos ligados aos constituintes em posição pré-verbal, conforme defendido por Cardinaletti (2004; 2014). Para isso, realizaremos uma revisão bibliográfica dos estudos já existentes na área e aplicaremos um questionário de aceitabilidade com falantes da língua, a fim de verificar a gramaticalidade de algumas sentenças analisadas.

Apresentamos na seção 1.3 o modelo teórico que embasa a pesquisa: a Cartografia. Esta abordagem investiga o mapa estrutural da sentença, com relação à hierarquia dos constituintes sintáticos, identificando, assim representações complexas com posições destinadas a diferentes interpretações (cf. RIZZI, 1997, 2004; BELLETTI 2001, 2004; CINQUE; RIZZI, 2008). Assim, apresentamos diferentes domínios da estrutura: Domínio IP, Domínio CP e Domínio Pré-verbal.

No próximo capítulo, apresentaremos o comportamento do PB, frente às características implicadas ao sujeito nas línguas naturais. É também neste capítulo que estabelecemos um panorama geral sobre as sentenças locativas, a partir de diferentes estudos realizados – Avelar (2009); Avelar e Cyrino (2008; 2009); Quarezemin e Cardinaletti (2017); entre outros.

## 2 O SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentamos as principais características da sintaxe do PB em relação às propriedades de sujeito.

Para iniciar a discussão, é relevante resgatar o conceito de Gramática Universal (GU), postulado por Chomsky. Em linhas gerais, a GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem pela criança (cf. CHOMSKY, 1980). De acordo com Kenedy (2014, p. 94), “Esse estágio corresponde ao estado natural da cognição linguística humana antes do contato da criança com a língua-E de seu ambiente. A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano”.

A partir disso, Chomsky (1981) elabora a Teoria dos Princípios e Parâmetros. Nessa teoria, a GU passa a ser composta por: (i) um conjunto de regularidades gramaticais universais – princípios; e (ii) um conjunto limitado de variações linguísticas possíveis – parâmetros. Dessa forma, os princípios são válidos para todas as línguas naturais, ao passo que os parâmetros são as propriedades que distinguem as línguas entre si, podendo receber uma marcação positiva [+] ou negativa [-] (cf. CHOMSKY, 1981).

Para dar continuidade à discussão, a seguir, serão apresentados o Princípio da Projeção Estendida (EPP) e o Parâmetro Pro-drop, ambos relacionados ao sujeito.

### 2.1 PRINCÍPIO DA PROJEÇÃO ESTENDIDA

Chomsky (1982) criou o Princípio da Projeção Estendida (EPP)<sup>3</sup>, o qual foi considerado um dos princípios de destaque do modelo de Princípios e Parâmetros. De acordo com ele, a posição de sujeito na estrutura sintática se torna obrigatória, isto é, todas as línguas possuem uma posição estrutural destinada ao sujeito. Assim, temos:

(35) a. \_\_\_\_\_<sub>pro</sub> Chove.

(36) a. It rains.  
b. \* \_\_\_\_\_ Rains.

(37) a. Il pleut.  
b. \* \_\_\_\_\_ pleut.

---

<sup>3</sup> Do inglês, *Extended Projection Principle*.

Através dos exemplos, é importante observar que no PB é possível que a posição de sujeito seja preenchida por um pronome nulo *pro*, como em (35). Já no inglês e no francês, o aparecimento do pronome é obrigatório e, por isso, (36b) e (37b) é agramatical. Em outras palavras, enquanto em PB há um pronome nulo que, mesmo não possuindo matriz fonológica, contém traços de pessoa e número, no inglês e no francês a efetivação fonológica do pronome é obrigatória, o que implica afirmar que a posição de sujeito nestas línguas existe independentemente da seleção de um argumento externo pelos verbos (cf. PEDROZA, 2015).

Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo possível, o pronome *pro* ocorre em contextos restritos no PB<sup>4</sup>.

- (38) a. Ele fala inglês.  
 a'. \* \_\_\_<sub>pro</sub> fala inglês.  
 b. Você come frutas.  
 b'. \* \_\_\_<sub>pro</sub> come frutas.

Em (38), observamos que os exemplos (38a') e (38b') não são possíveis sem o pronome realizado.

## 2.2 PARÂMETRO PRO-DROP

Alinhado ao EPP, temos o Parâmetro *pro-drop*, também conhecido por Parâmetro do Sujeito Nulo, que foi elaborado por Chomsky (1981). Este parâmetro contém cinco propriedades, a saber: 1. Sujeito nulo; 2. Inversão livre do sujeito; 3. Movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-; 4. Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; e 5. Aparente violação do filtro *that-t*. Desse modo, compreendemos que tal parâmetro está relacionado tanto à realização do sujeito como com sua inversão em relação ao verbo (ordem verbo - sujeito (VS)) (cf. CHOMSKY, 1981).

A partir das cinco propriedades, as línguas são caracterizadas em [+ *pro-drop*] ou em [- *pro-drop*]. Dessa forma, as línguas que fixaram um valor positivo para o parâmetro (línguas *pro-drop*<sup>5</sup>), como o italiano, o espanhol e o PE, atendem aos requisitos propostos, diferentemente, por exemplo, do inglês e do francês (línguas não *pro-drop*<sup>6</sup>).

<sup>4</sup> Sobre o sistema pronominal do PB, ver seção 2.2.1 deste trabalho.

<sup>5</sup> Também chamadas de línguas de sujeito nulo.

<sup>6</sup> Também chamadas de línguas de sujeito não nulo ou de sujeito preenchido.

Apresentamos, a seguir, exemplos do italiano e do inglês, elencados por Chomsky (1981), para cada propriedade:

- (I) Sujeito nulo:
- a. Ha telefonato.
  - b. \*Has phoned.  
(Telefonou.)
- (II) Inversão livre do sujeito:
- a. Ha telefonato Gianni.
  - b. \*Phoned John.  
(Telefonou João.)
- (III) Movimento longo do sujeito a partir de ilha QU- :
- a. L'uomo<sub>i</sub> [che<sub>i</sub> mi domando [chi \_\_\_<sub>i</sub> abbia visto]].
  - b. \*The man<sub>i</sub> [that I ask myself [whom \_\_\_<sub>i</sub> has seem]].  
(O homem<sub>i</sub> que me pergunto quem \_\_\_<sub>i</sub> viu.)
- (IV) Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas:
- a. Ecco la ragazza<sub>i</sub> [che mi domando [chi crede [che \_\_\_<sub>i</sub> possa fare questo]]].
  - b. \*So the girl<sub>i</sub> [that I ask myself [that believe [that \_\_\_<sub>i</sub> can do this]]].  
(Eis a menina<sub>i</sub> que eu me pergunto quem acredita que \_\_\_<sub>i</sub> possa fazer isto.)
- (V) Aparente violação do filtro *that-t*:
- a. Chi<sub>i</sub> credi [che \_\_\_<sub>i</sub> partirà]?
  - b. \*Who<sub>i</sub> do you think [that \_\_\_<sub>i</sub> will leave]?  
(Quem<sub>i</sub> você pensa que \_\_\_<sub>i</sub> partirá?)

(CHOMSKY, 1981, p. 240)

Além das propriedades elencadas, o elemento de concordância (Agr) também era visto como fator relevante na distinção das línguas de sujeito nulo das línguas de sujeito preenchido, conforme destaca

Quarezemin (2009). Isso porque, em línguas como o italiano, que tem um paradigma verbal rico, a concordância<sup>7</sup> possibilita a recuperação do sujeito nulo.

No caso do PB, a língua apresenta um comportamento diverso, em relação a suas características, conforme observamos nos dados de (39) a (43).

(39) Sujeito nulo:

- a. (Eu) encontrei meu celular.
- b. \* Encontrou sua carteira.

(40) Inversão livre do sujeito:

- a. \*Comeu o Pedro.
- b. \*Bebeu o Miguel.
- c. ?Telefonou o João.
- d. Chegou o Tadeu.

(41) Movimento longo do sujeito, a partir da ilha Qu-:

- a. O homem<sub>i</sub> que eu sei que livro<sub>k</sub> t<sub>i</sub> comprou t<sub>k</sub>.
- b. A menina<sub>i</sub> que eu sei que carro<sub>k</sub> t<sub>i</sub> vendeu t<sub>k</sub>.

(42) Pronome resumptivo vazio em orações encaixadas:

- a. A Joana<sub>i</sub> disse que t<sub>i</sub> telefonou.
- b. A Joana<sub>i</sub> disse que ela<sub>i</sub> telefonou.

(43) Aparente violação do filtro *that-trace*:

- a. Quem<sub>i</sub> você acha que t<sub>i</sub> vai embora?
- b. \*Quem<sub>i</sub> você acha que ele<sub>i</sub> vai embora?
- c. Quem<sub>i</sub> você viu que t<sub>i</sub> comeu a torta?
- d. \*Quem<sub>i</sub> você viu que ele<sub>i</sub> comeu a torta?

Em (39), é possível observar que, em alguns casos, é possível ocorrer o apagamento do pronome, como é o caso da primeira pessoa *Eu*.

---

<sup>7</sup> A partir da pesquisa de Huang (1984 *apud* QUAREZEMIN, 2009), que apresenta o chinês como uma língua de sujeito nulo, mesmo apresentando um sistema flexional simplificado, a concordância deixa de ser determinante para a marcação das línguas em relação ao parâmetro *pro-drop*.

Entretanto, Duarte (1995) ressalta que os falantes do PB apresentam grande preferência pelo preenchimento da posição de sujeito. Já os exemplos em (40) mostram que no PB há uma preferência pela ordem Sujeito –Verbo – Objeto, sobretudo nas construções com verbos transitivos.

Os exemplos em (41) e (42), por sua vez, mostram o movimento longo do sujeito a partir da ilha Qu- e a realização de pronomes resumptivos em orações encaixadas como preferências no PB. Por fim, nos exemplos em (43), verificamos que não é possível a ocorrência de (43b) e (43d).

Apesar da perda da propriedade de sujeito nulo, o PB ainda mantém certas características das línguas *pro-drop*. Entretanto, tal comportamento não é uniforme, como se verifica em línguas como o italiano, por exemplo.

### 2.2.1 Sistema flexional e pronominal do PB

Em relação ao PB, de acordo com Duarte (1996), o enfraquecimento do sistema flexional e pronominal, como em (44), contribui para que o sujeito passe a ser cada vez mais preenchido, visto que a partir da concordância verbal não é possível sua recuperação na sentença. Assim, o PB hoje passa por uma fase de transição de uma língua *pro-drop* para uma língua *não pro-drop*, caracterizando-se em uma língua *pro-drop* parcial (cf. DUARTE, 1996; KATO, 1999; DUARTE; FIGUEIREDO SILVA, 2016).

(44)

Quadro 1 – Paradigma flexional do PB

	Século XIX	Século XXI
<b>1ª pessoa do singular</b>	Eu am-o	Eu am-o
<b>2ª pessoa do singular</b>	Tu am-as	Tu am-a(s)
		Você am-a
<b>3ª pessoa do singular</b>	Ele(a) am-a	Ele(a) am-a
<b>1ª pessoa do plural</b>	Nós am-amos	Nós am-a(mos)
		A gente am-a
<b>2ª pessoa do plural</b>	Vós am-ais	Vocês am-am
<b>3ª pessoa do plural</b>	Eles(as) am-am	Eles(as) am-am

Fonte: Adaptado de Duarte (1996).

No entanto, em relação ao preenchimento do sujeito, há autores que propõem que no PB o sujeito ainda é categoricamente nulo em

respostas curtas, como em (45) (cf. KATO; TARALLO, 1993; OLIVEIRA, 1996; FIGUEIREDO SILVA, 1996). Esses contextos também indicam que o sujeito pode ser nulo quando é o tópico, recuperado pela pergunta.

- (45) - Você preparou o jantar?  
 - <sub>pro</sub> Preparei.
- Ele encontrou a namorada?  
 - <sub>pro</sub> Encontrou.
- A Maria beijou o João na festa?  
 - <sub>pro</sub> Beijou.

Já Duarte (1996) afirma que o sujeito referencial é preferencialmente preenchido em sentenças simples (46), com exceção da terceira pessoa que é sempre preenchida (47).

- (46) a. (Eu) fiz a tarefa hoje.  
 b. (Nós) vamos ao shopping.
- (47) a. Ele não telefonou ainda.  
 a'. \*(Ele) não telefonou ainda.

Figueiredo Silva (1996) chama a atenção para o fato de que, nas orações subordinadas, quando há um co-referente na raiz, o sujeito nulo é opcional mesmo em terceira pessoa, como em (48).

- (48) a. Maria<sub>i</sub> disse que ela<sub>i</sub> fala inglês.  
 a'. Maria<sub>i</sub> disse que \_\_\_<sub>i</sub> fala inglês.

Observe que a correferência entre Maria e o sujeito nulo não pode ser feita quando temos um PP locativo deslocado, como é o caso de (49).

- (49) Maria<sub>i</sub> disse que na escola \_\_\_<sub>i</sub> fala inglês.

A menos que seja dada uma leitura contrativa para o PPloc com uma entonação marcada, do tipo: Maria disse que NA ESCOLA fala inglês, não em casa (cf. AVELAR e CYRINO, 2008, p. 56). Neste trabalho, veremos que o deslocamento do PPloc está associado a uma leitura genérica, por isso, o *pro* é classificado como genérico, correspondendo a uma outra pessoa que não Maria, no exemplo em (49).

### 2.2.2 Inversão livre do sujeito – ordem VS

A inversão livre do sujeito se traduz, em linhas gerais, na possibilidade de o sujeito ocupar uma posição após o verbo sem a influência de um elemento que desencadeie tal ordem (cf. CHOMSKY, 1981). No italiano, no espanhol e no PE, por exemplo, o sujeito pode aparecer tanto antes como após o verbo, como em (50), (51) e (52), respectivamente.

- (50) a. Gianni ha telefonato.  
(João telefonou)  
b. Ha telefonato Gianni.  
(Telefonou João)

- (51) a. Juan ha llamado.  
(João telefonou)  
b. Ha llamado Juan.  
(Telefonou João)

(CHOMSKY, 1981)

- (52) a. João telefonou.  
b. Telefonou João.<sup>8</sup>

Já no inglês, essa mesma inversão não é aceita, como, por exemplo, em (53).

- (53) a. John phoned.  
(João telefonou)  
b. \*Phoned John.  
(Telefonou João)

Em relação ao PB, Kato e Tarallo (1993) afirmam que a inversão livre de sujeito apresenta algumas restrições. Como exemplo, podemos citar verbos transitivos que não permitem tal inversão, como em (54).

- (54) a. \*Tomaram muitas cervejas os professores.  
b. \*Enviou-lhe muitos beijos o Romeu.

(KATO; TARALLO, 1993)

---

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que, em PB, nem todos os verbos monoargumentais têm o mesmo julgamento de gramaticalidade pelos falantes.

Ainda de acordo com Kato e Tarallo (1993), os verbos intransitivos, ao contrário dos transitivos, possibilitam que o sujeito apareça posposto a ele, como em (55).

- (55) a. Chegou uma carta para João.  
b. Telefonou hoje a Joana.

No entanto, além do licenciamento da ordem VS com verbos inacusativos e inergativos, Pilati (2006) também apresenta dados de ocorrência com verbos transitivos, conforme ilustrado em (56).

(56)

Quadro 2 – Possibilidades de ordem VS em PB

<b>TIPO DE VERBO</b>	<b>EXEMPLOS</b>
1. INACUSATIVO	a. Chegaram as cartas.
	b. Morreu o gato do João.
2. INERGATIVO	c. Ligou a Maria.
	d. Ali moram os índios. <sup>9</sup>
3. TRANSITIVO	e. Tomou posse o novo ministro.
	f. Ganha o jogo o participante que fizer mais pontos.
	g. “Você tem de estudar” disse o professor.

Fonte: Adaptado de Pilati (2006).

Cabe reafirmar, por fim, que a ocorrência da ordem VS com verbos transitivos e inergativos é mais restrita do que com os verbos inacusativos, caracterizando-se, assim, como resquícios de inversão (cf. PILATI, 2002; 2006). A definitude do DP também é um fator importante quando se trata de inversão. Alguns falantes só aceitam a posposição do sujeito quando o DP é [ - definido], que corresponderia ao foco da sentença.

<sup>9</sup> Pilati (2006) apresenta o verbo morar como inergativo na sentença *Ali moram os índios*. Em tese, este verbo se configura como transitivo já que necessita de dois argumentos. No entanto, a questão levantada pela autora diz respeito ao elemento colocado à esquerda, uma vez que este parece permitir o licenciamento de sentenças com ordem VS: a. \*Moram os índios. / b. Ali moram os índios.

## 2.3 PB COMO LÍNGUA DE PROEMINÊNCIA DE TÓPICO

Li e Thompson (1976) afirmam que uma língua de proeminência de tópico apresenta operações sintáticas sensíveis a funções discursivas, como a topicalização (57).

- (57) a. Os carros furaram o pneu.  
b. Essas salas cabem muita gente.

(AVELAR; GALVES, 2011, p. 69)

Os autores ressaltam que estruturas de tópico são comuns em todas as línguas humanas. Entretanto é preciso considerar que a produtividade da topicalização é variável entre as línguas. Na proposta dos autores, há línguas em que (a) a construção de tópico é uma estrutura marcada, nas quais a ordenação sujeito > predicado é a mais básica; (b) a topicalização é um fenômeno não marcado, apresentando a sequência tópico > comentário como preferência para a ordenação de sentenças. A partir disso, Li e Thompson (1976) propõem a seguinte tipologia: 1) línguas com proeminência de sujeito, como, por exemplo, o indonésio e, também, o italiano, o PE e o espanhol; 2) línguas com proeminência de tópico, como o lahu; 3) línguas mistas, como o japonês; e 4) línguas sincréticas, como o tagalog.

Os autores, então, analisam as principais diferenças entre tópico e sujeito:

- Tópicos – (i) apresentam-se obrigatoriamente como uma expressão definida; (ii) encerram sempre informação velha, sobre a qual incidirá um foco acentual; (iii) ocupam necessariamente a posição inicial da sentença.
- Sujeitos – (i) sempre se inscrevem na estrutura argumental de um predicador; (ii) possuem propriedades formais e semânticas, determinadas pelo predicador da sentença, como, por exemplo, o papel temático; (iii) desencadeiam a concordância verbal; (iv) ocorrem em fenômenos sintáticos, como relativização e passivização.

Para autores como Pontes (1987), Negrão (1999), Galves (2001), Kato (2006), Duarte e Kato (2008) e Avelar (2009) o PB apresenta

construções exclusivas de línguas orientadas para o discurso, isto é, de proeminência de tópico.

Além de sentenças como em (57), outros tipos sentenciais, que também apresentam inversão, são utilizados para a análise do PB como língua de proeminência de tópico, e não de sujeito. Tais construções apresentam um sintagma fronteado que não tem o papel temático compatível com a propriedade semântica do sujeito. Uma delas é a alternância causativo-ergativa, como ocorre em (58).

- (58) a. José quebrou o vidro.  
 b. Quebrou o vidro.  
 b'. O vidro quebrou.

Em (58b'), notamos que o constituinte fronteado não pode ser considerado o causador da ação de *quebrar*. Segundo Cançado (2010), [o vidro] sofre um processo desencadeado por um causador, mesmo que este não esteja realizado. Já Negrão e Viotti (2008) analisam sentenças deste tipo como tendo um sujeito tema/experienciador. As autoras mostram que a classe de verbos que permite este tipo de alternância está em expansão no PB. E chamam atenção para o fato de que os “novos verbos” que permitem alternância não aceitam o pronome *se* na sentença, como forma de impessoalização, como em *\*Estas casas estão se construindo faz dois meses*. Por isso, propõem uma divisão em dois grupos distintos: os que aceitam o pronome *se*, de um lado, e os que não aceitam o pronome *se*, de outro lado.

Além de sentenças com alternância causativo-ergativa, as construções com inversão locativa também são possíveis em PB, conforme (59b) e (60b).

- (59) a. Cabe muita gente nessa sala.  
 b. Nessa sala cabe muita gente.
- (60) a. Bate muito sol no apartamento da frente.  
 b. No apartamento da frente bate muito sol.

Tais construções se caracterizam pela ocorrência de um PPloc em posição pré-verbal, o que possibilita o aparecimento do sujeito em posição pós-verbal, como os constituintes [muita gente] e [muito sol].

Ainda é relevante destacar que o PB, ao contrário do PE, licencia construções em que um sintagma pré-verbal, que, em tese, não é o sujeito semântico, desencadeia concordância com o verbo principal, como em (61) (cf. PONTES, 1987).

(61) Essas casas batem sol.

A partir da possibilidade de (61), Pontes (1987) defende a evolução do PB para uma língua de proeminência de tópico. Li e Thompson (1976) destacam que nas línguas com esta tipologia a constituição mais básica de sentenças ocorre pela introdução de um tópico ao qual se segue um comentário. Desse modo, sentenças do tipo sujeito > predicado não ocorrem ou são menos frequentes. Os autores ainda afirmam que as línguas de tópico apresentam fenômenos morfossintáticos exclusivos.

## 2.4 PB COMO LÍNGUA DE PROEMINÊNCIA DE SUJEITO

Línguas de proeminência de sujeito apresentam operações sintáticas sensíveis a funções argumentais (como sujeito), tais como o PE, o italiano, o inglês e o francês (cf. LI; THOMPSON, 1976). Nesse caso, a estrutura mais básica na estrutura de sentenças é sempre sujeito > predicado.

Em seu estudo, Costa (2010) defende que algumas construções utilizadas como argumento de que o PB é uma língua orientada para discurso também são produtivas em PE, tais como: 1) sujeitos lexicais locativos e dêiticos, como (62); 2) construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes, como (63); 3) hiperelevação do sujeito com o verbo parecer, como (64); e 4) ergativização de verbos transitivos, como (65).

- (62) a. Aquí está calor.  
b. O Barlavento faz mais vento.
- (63) a. A gente tem uma boa padaria no bairro.  
b. Nós temos muita corrupção no país.  
c. Eu tenho um aeroporto perto de casa e não consigo dormir.
- (64) a. Eu pareço que estou cansado.  
b. Tu pareces que estás parvo.  
c. Nós parecemos que estamos doentes.  
d. As pessoas dizem que eu nem pareço que tenho 17 anos.
- (65) a. O trabalho está a imprimir.  
b. O bolo está a cozer.  
c. A fábrica fechou com a crise.  
d. Com o calor, a manteiga derreteu todinha.

(COSTA, 2010, p. 132-134)

Assim, o autor questiona se, de fato, o PB é uma língua de proeminência de tópico, como defendido por muitos autores (cf. PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001; DUARTE, 2004; KATO, 2006; DUARTE; KATO, 2008; AVELAR, 2009).

O cerne da hipótese de Costa (2010) gira em torno do padrão de concordância, isto é, as variações que ocorrem em PB, quando comparadas ao PE, indicam que a diferença sintática se baseia nas propriedades de *Infl* e não em aspectos macro-paramétricos, como observado nos exemplos de (62) a (65).

Dessa maneira, o autor destaca que sentenças com elevação de genitivos em construções inacusativas são a real diferença entre as gramáticas do português, uma vez que o PE não licencia construções como as apresentadas em (66), as quais são comuns no PB.

- (66) a. \*Essas casas batem sol.  
 b. \*As minhas duas árvores apodreceram a raiz.  
 c. \*As minhas pernas racharam a pele.

(AVELAR; GALVES, 2011, p. 69)

Costa (2010, p. 135) conclui que “as duas gramáticas – do PE e do PB – não se distinguem pela estratégia de promoção de tópico, uma vez que ambas recorrem a mecanismos sintáticos de anteposição de tópico para a periferia esquerda da frase. O que é crucialmente diferente entre as duas parece ser o sistema de concordância”.

Por sua vez, Kenedy (2014) defende o PB como língua de proeminência de sujeito, a partir de experimentos aplicados. O primeiro experimento aplicado foi um julgamento de aceitabilidade de orientações de anáforas, caracterizando-se como um experimento *off-line*. Kenedy (2014) ressalta que o esperado é que anáforas nulas e pronominais sejam igualmente orientadas para o tópico do discurso, e não para o sujeito da sentença.

Quanto ao *design* experimental, foram apresentadas aos 30 participantes da pesquisa quatro variações de anáforas, as quais foram julgadas como aceitável ou inaceitável: 1) anáforas nulas associadas a um referente em posição de sujeito; 2) anáforas pronominais associadas a um referente em posição de sujeito; 3) anáforas nulas associadas a um referente em posição de tópico; e 4) anáforas pronominais associadas a

um referente em posição de tópico. Ao todo, o experimento continha 16 frases experimentais e mais 32 frases distratoras.

Quanto aos resultados, estes indicaram a preferência dos participantes por anáforas pronominais orientadas para o sujeito, como (67b), e anáforas nulas orientadas para o tópico, como (67c).

- (67) a. [Aquela secretária de vermelho]<sub>i</sub> disse que o diretor demitiu Ø<sub>i</sub>.  
 b. [Aquela secretária de vermelho]<sub>i</sub> disse que o diretor demitiu ela<sub>i</sub>.  
 c. [Aquela secretária de vermelho]<sub>i</sub>, o diretor disse que demitiu Ø<sub>i</sub>.  
 d. [Aquela secretária de vermelho]<sub>i</sub>, o diretor disse que demitiu ela<sub>i</sub>.

(KENEDY, 2014, p. 163)

Em números, 92% dos participantes aceitaram a construção em tópico, com retomada por uma anáfora nula, o que representa um alto índice de aceitação. Em contrapartida, somente 33% considerou aceitáveis os referentes em posição de sujeito que eram retomados por anáfora nula. Já no caso de referentes na posição de sujeito com retomada feita por pronome lexical houve 77% de aceitabilidade, ao passo que a aceitação de anáforas pronominais relativas a referentes topicalizados não ultrapassou o nível da aleatoriedade (cf. KENEDY, 2014).

Desse modo, o autor destaca que, se o PB, de fato, fosse uma língua de proeminência de tópico, o esperado seria que anáforas nulas e pronominais fossem igualmente orientadas para o discurso, e não para o sujeito. Por isso, o comportamento apresentado, a partir do resultado deste experimento, enfraquece a hipótese de que o PB é uma língua de tópico.

Já o segundo experimento de Kenedy (2014) foi pensado a partir de testes de audição segmentada, caracterizando-se como um método experimental *on-line*. As frases foram apresentadas em segmentos aos 30 participantes, através de um fone de ouvido.

Em relação ao *design* experimental, foram pensadas sentenças de modo a apresentar um DP como o primeiro segmento a ser ouvido pelos participantes, o qual poderia ser, em princípio, associado na frase a uma posição de tópico ou a uma posição de sujeito. Assim, essa definição se deu somente na audição do segundo segmento, que introduz o VP da construção, conforme ilustrado em (68). Após a audição do último segmento, uma pergunta interpretativa era feita auditivamente aos participantes, os quais deveriam responder com *sim* (tecla verde) ou *não* (tecla vermelha).

- (68) [DP 1º segmento / VP 2º segmento / 3º segmento]  
 a. Essa janela / **venta muito** / no verão.  
 b. Essa janela / **fica aberta** / no verão.

(KENEDY, 2014, p. 171, grifos do autor)

Em (68a), o segmento crítico /venta muito/ define o sintagma [Essa janela] como tópico do discurso, enquanto em (68b) o segmento crítico /fica aberta/ seleciona o sintagma [Essa janela] como sujeito do verbo. O objetivo do experimento, então, era verificar se, na integração entre o primeiro e o segundo segmento, havia computação particularmente mais custosa para os participantes.

A partir disso, a hipótese era de que o processamento de (68a) demandaria menos tempo de reação quando comparado a (68b), no caso de o PB ser uma língua de proeminência de tópico. No entanto, os resultados apontaram justamente o contrário: participantes tiveram maior dificuldade em processar estruturas do tipo [tópico > comentário] do que em estruturas [sujeito > predicado]. Ou seja, o tempo de processamento foi superior na audição segmentada de sentenças do tipo [tópico > comentário] (Cf. KENEDY, 2014).

Nesse sentido, é possível afirmar que a discussão desenvolvida por Costa (2010), assim como os experimentos de Kenedy (2014), apresenta fortes evidências de que o PB possa ser uma língua de proeminência de sujeito, contrariando pesquisadores da área.

## 2.5 DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE A SINTAXE DO PP LOCATIVO PRÉ-VERBAL

Nesta seção, apresentaremos pesquisas anteriores que contribuirão para a discussão do próximo capítulo – A sintaxe do sujeito em construções com PPloc e DPloc pré-verbais, no qual apresentamos uma proposta de análise estrutural.

### 2.5.1 Processo de impessoalização no PB – Negrão e Viotti (2008; 2010; 2011)

Negrão e Viotti (2008; 2011) afirmam que construções impessoais são aquelas que não têm um sujeito com conteúdo semântico. No PB, de maneira geral, são sentenças que expressam condições meteorológicas (69) e sentenças existenciais (70).

- (69) a. Choveu demais ontem à noite.  
 b. Faz muito calor na região nordeste do Brasil.  
 c. Ventou muito nesta madrugada.
- (70) a. Vai ter um congresso internacional de Linguística ano que vem.  
 b. Faz muitos anos que eu não vejo a Maria.  
 c. Vai ter uma festa na casa da Ana no final de semana.

Entretanto, além destes tipos de sentenças, as autoras defendem que há outros tipos de construções impessoais não tratados com frequência na literatura, como em (71), (72) e (73).

- (71) a. A minha chácara dá umas nânicas enormes.  
 b. Dá umas nânicas enormes na minha chácara.
- (72) a. Esse gravador tá gravando direito?  
 b. Tá gravando direito nesse gravador?
- (73) a. O motor tá fazendo aquele barulhinho esquisito.  
 b. Tá fazendo aquele barulhinho esquisito no motor.

(NEGRÃO; VIOTTI, 2011, p. 01; 06)

As sentenças em (b) são construídas com verbos prototipicamente transitivos – dar, gravar e fazer, respectivamente. Entretanto, nesses casos, o argumento externo é realizado periféricamente como um sintagma preposicionado, o que deixa a posição de sujeito vazia e dá à construção uma semântica de impessoalidade, ao contrário das sentenças em (a).

A partir disso, as autoras iniciam a investigação de outro tipo de construção produtiva em PB – as chamadas construções absolutas, como em (74). Cabe ressaltar que tais construções não são aceitas pelos falantes de PE.

- (74) a. Eu só vou trocar o carpete depois que a casa acabar de pintar.  
 b. O programa que eu queria não instalou.  
 c. O xerox fica fazendo enquanto a gente vai almoçar.  
 d. Meu jardim destruiu todo com a reforma.  
 e. Esse livro tem na biblioteca da USP.

(NEGRÃO; VIOTTI, 2011, p. 06; 07)

As sentenças em (74) vão além do que as autoras propuseram para a impessoalização, uma vez que o argumento tema, realizado prototipicamente na posição de complemento do verbo, passa a ser realizado na posição de sujeito. Isso se deve ao esvaziamento da posição de sujeito com a detematização dos argumentos externos de verbos transitivos. Em outras palavras, os exemplos em (74) apresentam verbos transitivos sendo usados em construções intransitivas, uma vez que o único argumento presente é o argumento temático, que aparece em posição pré-verbal.

Negrão e Viotti (2011) acreditam que esse processo parece estar aproximando o PB de línguas do sistema ergativo-absolutivo, assim consideram que a língua passa por um processo de ergativização<sup>10</sup>.

Os sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo se diferenciam pelo modo como são marcados os sintagmas nominais de sentenças transitivas e intransitivas. No primeiro, os sujeitos de sentenças transitivas e intransitivas são marcados com caso nominativo, ao passo que os objetos de sentenças transitivas são marcados com caso acusativo. Já no segundo sistema, o ergativo-absolutivo, o sujeito da sentença intransitiva e o objeto direto da sentença transitiva recebem a marcação de caso absoluto, diferente do sujeito de sentenças transitivas que é marcado com caso ergativo.

Desse modo, a partir da possibilidade de utilizar a passiva como estratégia para inverter a proeminência focal dada aos participantes do evento, como em (75), as autoras questionam por que o PB possibilita construções como as apresentadas em (74).

- (75) a. João quebrou o vaso.  
b. O vaso foi quebrado (pelo João).

Para elas, o que chama atenção não é o fato de o PB apresentar construções como (74), mas o fato de estas serem construídas com verbos que não admitem esse tipo de construção, nem nas línguas românicas, nem em outras línguas do sistema nominativo-acusativo. Assim, as hipóteses das autoras são: 1) estamos diante de um processo de mudança da língua, já que o PB está assumindo características de um sistema híbrido; e 2) está havendo uma expansão na classe de verbos que permite este tipo de alternância no PB. As autoras diferenciam duas classes de verbos que permitem alternância: em uma delas estão as sentenças com os “novos verbos”, como em (74), em outra, estão os “verbos

---

<sup>10</sup> Para uma análise diferente, ver Carvalho (2016).

tradicionais”, como o caso de *O vaso quebrou*. A primeira classe não aceita o pronome *SE*, enquanto a segunda aceita.

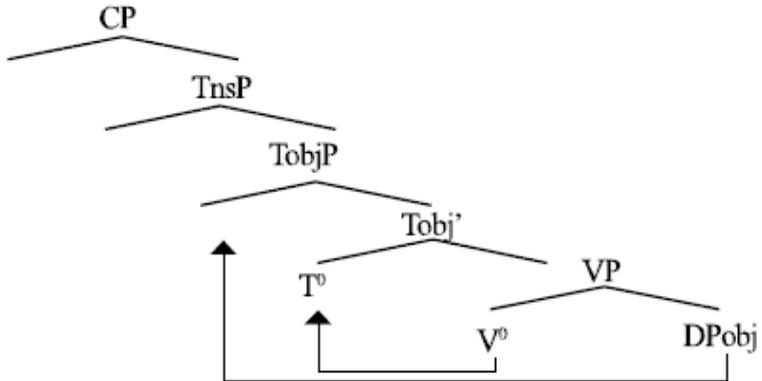
Avelar e Galves (2013) chamam a atenção para o fato de que o PB não admite sentenças como (74) quando o sujeito semântico é realizado. Assim, é possível (76a) e (76b), mas não (76c), por exemplo.

- (76) a. O programa que eu queria, o técnico não instalou.  
 b. O programa que eu queria não instalou.  
 c. \*O programa que eu queria não instalou o técnico.

Quanto à estrutura sintática das sentenças absolutas, Negrão e Viotti (2010) propõem que um sujeito temático, não-agentivo, ocupe uma posição baixa na hierarquia sentencial, visto que não é possível ter um argumento agente nessas construções. Apesar de tal sujeito checar Caso nominativo e de o verbo concordar com ele, a checagem de Caso e dos traços de concordância é realizada de forma diferente da que é feita com outros tipos de sujeito.

(77)

Figura 1 – Proposta de estrutura sintática para sentenças absolutas



(NEGRÃO; VIOTTI, 2010, p. 57)

Conforme representação em (77), a categoria *v* não é projetada, uma vez que as construções absolutas não envolvem agentividade. Dessa forma, o argumento temático, gerado na posição de complemento de *V*, não checa Caso acusativo. Ele sobe, então, para a posição de especificador

de TobjP, estabelecendo uma relação de Agree com Tns. Cabe destacar que para as autoras há mais de uma posição sujeito no PB, representadas pelas posições TsnP e TobjP.

Negrão e Viotti (2010) defendem, então, que sentenças com diferentes tipos de sujeito apresentam semântica diferentes e, por isso, estruturas sintáticas diferentes. Por isso, as autoras defendem as posições TnsP e TobjP como posições para sujeito no PB. As autoras observam, ainda, que a posição de sujeito *default* vazia confere à sentença uma semântica de impessoalidade.

### 2.5.2 Inversão locativa e a influência das línguas Bantu – Avelar e Cyrino (2008; 2009)

Avelar e Cyrino (2009), são interpretadas como sentenças impessoais ou como sentenças com sujeito indeterminado. Já em PE, tais construções só são aceitas com o pronome *SE* ou com verbo na terceira pessoa plural, conforme (79).

- (78) a. Naquela loja vende livros.  
b. No meu quarto faz muito barulho durante a noite.

- (79) a. Naquela loja vende-se livros.  
b. Naquela loja vendem livros.

Os autores destacam que sentenças como (79) não são usuais em PB, o que poderia justificar o uso de sentenças como (78). No entanto, a justificativa não é suficiente para explicar a obrigatoriedade do locativo nesses casos.

- (80) a. Vende muitos livros.  
b. Vende muitos livros naquela loja.  
c. Vendem muitos livros.  
d. Vendem muitos livros naquela loja.

A partir de (80), observamos que o comportamento deste tipo de sentença é curioso, uma vez que a interpretação genérica não é obtida quando há o apagamento do constituinte locativo, como em (80a) e (80b). Neste caso, fica a pergunta: quem vende muitos livros? Por outro lado, cabe ressaltar que os autores não consideram a possibilidade de interpretação impessoal do PPloc, quando este figura em posição pós-verbal, como observamos em (80b) e (80d).

Avelar e Cyrino (2009) apontam, então, a possibilidade de o uso do PPloc em posição pré-verbal ser resultado do contato do português com línguas da família Bantu<sup>11</sup>, faladas pelos africanos que chegaram ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. Segundo os autores, este contato, aliado ao enfraquecimento do paradigma flexional presente nos dados linguísticos, gerou ambiguidade para a criança que aprendia o português como primeira língua. Dessa forma, o locativo em posição fronteada no PB é reanalisado e passa a poder configurar na posição gramatical de sujeito.

Em relação à estrutura argumental que licencia esse tipo de construção, os autores citam que há, pelo menos, dois padrões: 1) a inversão locativa é admitida apenas, ou preferencialmente, em construções inacusativas; e 2) a inversão locativa ocorre em uma variedade mais ampla de construções. No primeiro caso, podemos classificar as construções de línguas como o inglês, o chichewa e o castelhano.

Já o PB se diferencia justamente por permitir o PPloc fronteado em sentenças com diferentes tipos de verbos, conforme quadro 3, apresentado em (81).

(81)

Quadro 1 – Exemplos de inversão locativa possíveis no PB

<b>TIPO DE VERBO</b>	<b>EXEMPLOS DE SENTENÇAS</b>
1. INACUSATIVO	a. No meio da festa apareceu uns penetras.
	b. Naquele documento consta o nome da Rita.
	c. Daquele carro branco saiu muita gente.
2. INERGATIVO	d. Naquele quarto dormiu várias pessoas.
	e. Na universidade estuda alguns amigos meus.
	f. Naquele escritório de advocacia trabalha os irmãos do Pedro.
	g. Naquele bairro aluga casa de todos os preços.

<sup>11</sup> Os autores apresentam exemplos das línguas *Chichewa*, *Setswana*, *Kinyarwanda*, *Chishona* e *Sesotho*, todas da família *Bantu*.

3. TRANSITIVO ERGATIVIZADO	h. Naquela fazenda plantava soja.
	i. Na sapataria do Pedro não conserta bota de couro.
4. TRANSITIVO E INERGATIVO SEM TEMA/AGENTE	j. Na casa da Joana cozinha todos os dias.
	k. Na casa do Lucas dorme cedo.
	l. No interior não sequestra tanto como na capital.

Fonte: Adaptado de Avelar e Cyrino (2008; 2009).

Com relação à estrutura sintática de sentenças com verbos transitivos ergativizados, os autores afirmam que constituintes locativos podem trocar de posição com o próprio tema na ocupação de [Spec,TP / InflP], conforme exemplos (82), (83) e (84).

- (82) a. Naquela loja vende todas as edições do livro do Harry Potter.  
b. Todas as edições do livro do Harry Potter vendem naquela loja.
- (83) a. No meu DVD não grava filmes antigos.  
b. Filmes antigos não gravam no meu DVD.
- (84) a. Naquela fotocopiadora não xeroca os livros novos da biblioteca.  
b. Os livros novos da biblioteca não xerocam naquela fotocopiadora.

(AVELAR; CYRINO, 2008, p. 65)

Cabe ressaltar que o mesmo não ocorre com verbos transitivos, como adorar e odiar, já que, em construções com este tipo de verbo, não é possível que o tema ocorra em [Spec,TP] (cf. AVELAR; CYRINO, 2009).

- (85) a. \*Na casa da Maria adora os livros do Harry Potter.  
b. \*Os livros do Harry Potter adoram na casa da Maria.
- (86) a. \*Na faculdade odeia os professores conservadores.  
b. \*Os professores conservadores odeiam na faculdade.

(AVELAR; CYRINO, 2008, p. 65)

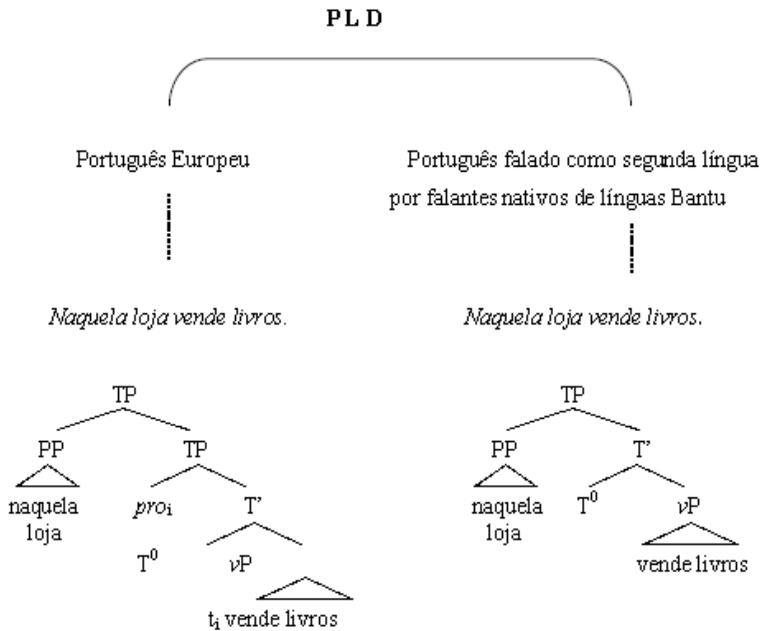
Os autores, então, lançam uma possível explicação para o aparecimento da inversão locativa no PB: durante o período colonial, os escravos chegados da África, e falantes de línguas Bantu, aprendiam e

moldavam o português de acordo com a gramática de sua língua materna. Como estas línguas são mais permissivas, em relação a esse tipo de construções, os africanos analisariam locativos pré-verbais como categorias instadas na posição gramatical de sujeito, e não em posição periférica.

Assim, crianças em fase de aquisição da linguagem poderiam optar pela estrutura gerada pelos aprendizes do português como segunda língua, conforme esquema (87).

(87)

Figura 2 – Proposta de estrutura sintática do português como segunda língua



(AVELAR; CYRINO, 2009, p. 67)

A partir de (87), é possível perceber que, na estrutura sintática dos falantes de português como primeira língua, há uma categoria pronominal nula que se move de [Spec, VP] para [Spec, TP], com o PPloc sendo colocado em posição periférica, representada no esquema pela adjunção a TP. Já na estrutura dos falantes de português como segunda língua, a

concatenação do constituinte locativo ocorre diretamente em [Spec, TP]. Por isso, as crianças optariam pela segunda estrutura que se apresenta menos marcada do que as produzidas pelos falantes do PE.

Avelar e Cyrino (2009) apontam que a possibilidade de concatenar o PPloc diretamente em [Spec, TP] é acompanhada de um processo em que a presença do argumento externo em [Spec, VP], interpretado como agente, deixa de ser obrigatória, assim como ocorre em construções passivas analíticas, como (88b).

- (88) a. O José comprou a casa na Avenida Rio Branco.  
 b. A casa na Avenida Rio Branco foi comprada (pelo José).

Cabe ressaltar que a diferença entre sentenças passivas analíticas e sentenças com locativo frontado é que nas passivas não há a obrigatoriedade de um PPloc para garantir a aceitabilidade da sentença.

Por fim, os autores levantam a possibilidade de haver algum tipo de relação entre morfologia empobrecida e ocorrência de inversão locativa em sentenças inergativas e transitivas, conforme sugerido em Demuth e Mmusi (1997). Desse modo, haveria indícios de que as inovações do PB, quanto ao fenômeno da inversão locativa, estão relacionadas a fatores que provocaram o enfraquecimento da concordância sujeito-verbo.

### 2.5.3 Concordância locativa – Avelar (2009)

Avelar (2009), a partir de pressupostos do Minimalismo, defende que a ocorrência de PPloc em uma posição destinada a constituintes nominais deve ser incluída entre os casos de inversão locativa que se convencionou chamar de inversão locativa. Assim, o autor, partindo da hipótese de que sintagmas locativos podem ocorrer na posição gramaticalmente destinada a um sujeito argumental, propõe que o paradigma flexional do PB “autoriza” relações de concordância entre o verbo e o PPloc.

Para justificar sua posição, Avelar (2009) defende que locativos preposicionados apresentam um pronome adverbial como núcleo que pode, ou não, ser fonologicamente realizado. Assim, o núcleo do sintagma locativo não é a preposição à frente do PPloc, mas um pronome adverbial que a antecede, como, por exemplo, (aqui) na sala; (aí) embaixo da mesa; (lá) na cidade. O autor ressalta que, se esta ideia estiver correta, o locativo preposicionado deve ser tratado como um constituinte nominal, já que pronomes adverbiais são categorias nominais.

- (89) a. Lá vende muitos livros.  
 b. Lá no shopping vende muitos livros.  
 c. No shopping vende muitos livros.
- (90) a. Aqui dorme criança.  
 b. Aqui nesse quarto dorme criança.  
 c. Nesse quarto dorme criança.

(AVELAR, 2009, p. 241)

A partir dos exemplos, é possível perceber que o pronome pode ser realizado sozinho na posição de sujeito, conforme (89a) e (90a), ou ocorrer junto ao PPloc, na mesma posição, como em (89b) e (90b). E, ainda, como nos exemplos (89c) e (90c), pode aparecer como uma categoria nula (cf. AVELAR, 2009).

O autor ressalta que o sintagma locativo, por corresponder à projeção de uma categoria nominal<sup>12</sup>, não deve causar estranhamento quando situado em uma posição destinada a constituintes que precisam receber Caso. Além disso, é possível que os traços-f de T possam concordar com o LocP/PPloc, uma vez que qualquer forma pronominal deve ser capaz de desencadear concordância. Entretanto, Avelar (2009) aponta um possível contra-argumento para tal ideia, envolvendo a possibilidade de o PPloc ocorrer no final da sentença, como em (91).

- (91) a. Vende muitos livros (lá) naquele shopping.  
 b. Dorme criança (aqui) nesse quarto.

(AVELAR, 2009, p. 241)

As construções em (91) indicam que:

- (i) o LocP/PPloc não é sempre realizado em posição de sujeito, apesar de ser necessário para a boa formação da sentença; e  
 (ii) como o LocP/PPloc não precisa ser realizado na posição do sujeito, não é adequado associar sua ocorrência ao requerimento de Caso.

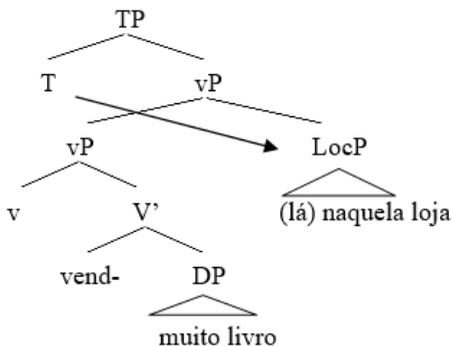
---

<sup>12</sup> A nosso ver esta parece ser uma saída *ad hoc*, já que não é possível confirmar que há um advérbio nulo em todas as sentenças com PPloc pré-verbal.

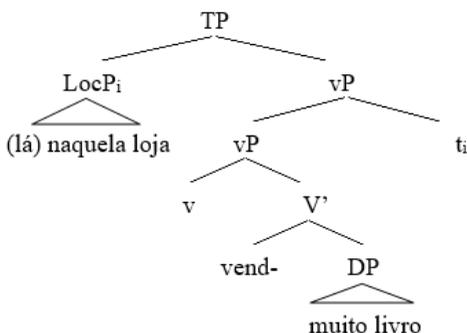
Mesmo assim, o autor afirma que tais fatos não invalidam sua proposta de análise e explica que, uma vez que a concordância (Agree) é estabelecida à distância<sup>13</sup>, não existe empecilho para que T estabeleça concordância com o LocP/PPloc quando este se encontra “fora” da posição esperada. Desse modo, propõe que o locativo seja inicialmente um adjunto de VP, por apresentar natureza adverbial inerente, como em (92a). Tal estrutura corresponde ao LocP/PPloc em posição final.

Já (92b) representa o movimento de LocP/PPloc para [Spec,TP], o qual só se efetiva se o pronome adverbial (fonologicamente realizado ou nulo) entra na derivação requerendo uma marcação de Caso.

(92) a.



b.



(AVELAR, 2009, p. 242)

<sup>13</sup> A interação entre os traços-f de T e os traços-f do DP acontece antes de o sujeito ser movido para [Spec, TP] (cf. AVELAR, 2009).

Avelar (2009) observa as construções com verbo de alçamento, conforme os exemplos (93) e (94).

- (93) a. Parece morar todas aquelas pessoas (lá) naquela casa.  
 b. Todas aquelas pessoas parecem morar (lá) naquela casa.  
 c. (Lá) naquela casa parece morar todas aquelas pessoas.  
 d. Todas aquelas pessoas parecem (lá) naquela casa morar.  
 e. (Lá) naquela casa parece todas aquelas pessoas morar.
- (94) a. Parece ter sido gravado algum filme (aqui) no meu DVD.  
 b. Algum filme parece ter sido gravado (aqui) no meu DVD.  
 c. (Aqui) no meu DVD parece ter sido gravado algum filme.  
 d. Algum filme parece (aqui) no meu DVD ter sido gravado.  
 e. (Aqui) no meu DVD parece algum filme ter sido gravado.

(AVELAR, 2009, p. 243)

Segundo o autor, (93a) e (94a) mostram que o PPloc e o argumento do verbo infinito podem ocorrer ao mesmo tempo em uma posição interna à oração encaixada. Quando um destes constituintes ocorre em posição pré-verbal, há a condição de que o outro constituinte precisa permanecer *in situ*, conforme (93b,c) e (94b,c). Já os exemplos (93d,e) e (94d,e) mostram que, se o PPloc for realizado na posição imediatamente anterior ao verbo infinitivo, a construção não é gramatical.

Avelar (2009) ressalta, então, que o contraste entre as sentenças (b)-(c) e (d)-(e) pode ser explicado se for assumido que o movimento para [Spec,TP] é determinado pela necessidade de atribuição de nominativo, seja do PPloc, seja do DP argumental. Assim, o LocP/PPloc se mover para [Spec,TP] da oração encaixada infinitiva para receber marcação de Caso. O autor explica que orações infinitivas em estruturas de alçamento não são capazes de atribuir nominativo, por isso o constituinte precisa se mover até [Spec,TP] da oração matriz, onde tal Caso é atribuído.

#### **2.5.4 Sujeitos pré-verbais não topicalizados – Quarezemin e Cardinaletti (2017)**

Quarezemin e Cardinaletti (2017) defendem a hipótese de que o preenchimento da posição pré-verbal está relacionado à propriedade de natureza predicacional, isto é, além da posição *default*, responsável pelo sistema Caso-concordância, há outra posição argumental para sujeito. Com isso, o objetivo das autoras é mostrar que o sujeito pré-verbal, em muitas das sentenças discutidas até aqui, tem um comportamento distinto

do tópico, fato que leva ao questionamento quanto à classificação do PB como língua de proeminência de tópico.

Assim, as autoras reúnem evidências que mostram que o sujeito pré-verbal e o tópico não devem estar na mesma posição na estrutura sintática. As autoras mostram que o sujeito pré-verbal pode ser um tópico, como em (95), mas não necessariamente, assim como ocorre com outros tipos de argumentos.

(95) O Pedro, ontem, ele comprou um carro.

Além disso, o objeto deslocado em sentenças sinaliza que o pronome deve aparecer em uma posição argumental baixa, conforme (96).

(96) a. O Pedro, esse carro ele comprou.  
b. \*O Pedro, ele esse carro comprou.

Observe em (96b) que o pronome ele não pode anteceder o objeto deslocado esse carro. Outra diferença apresentada pelas autoras é a ocorrência de sujeitos em contextos out-of-the-blue. Enquanto sujeitos são possíveis em tais contextos, como em (97b), o mesmo não ocorre com objetos topicalizados, conforme (97c).

(97) a. O que aconteceu?  
b. Um caminhão colidiu com um ônibus para Roma.  
c. #O ônibus para Roma, um caminhão colidiu com ele.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 07)

A sentença (97c) não é adequada, uma vez que tópico não é compatível com contextos desse tipo, ele deve ser selecionado a partir do pressuposto, isto é, um comentário é feito sobre ele, a partir do *background*.

Outra evidência de diferença entre tópico e sujeito está relacionada aos quantificadores, os quais podem ocorrer como sujeito (98a,c), mas não como tópicos (98b,d), tanto em italiano, como em PB.

(98) a. Nessuno ha visto Gianni.  
b. \*Nessuno, Gianni lo ha visto.  
c. Ninguém viu o João.  
d. \*Ninguém, o João (não) viu.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 07)

As autoras observam que a proposta de Barbosa (2000) de que o sujeito está deslocado à esquerda nas sentenças com hiper-álçamento aparente, como em (99), não se mantém para o PB.

- (99) a. Os homens parece que viram um monstro.  
b. Perfumes franceses parece que se esgotaram.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 07)

O argumento de Barbosa (2006) é que esse mesmo tipo de sentença não permite um sujeito indefinido específico, como vemos em (100), justamente porque esse tipo de sintagma é incompatível com a interpretação de tópico.

- (100) \*Umas meninas parece que estão doentes.

(BARBOSA, 2006, p. 359)

Quarezemin, Cardinaletti (2017) observam que se os sujeitos pré-verbais estivessem em posição de tópico, o contraste entre (99) e (100) seria esperado em sentenças Sujeito-Verbo “regulares”, como (101), o que não ocorre (cf. DUARTE; FIGUEIREDO SILVA, 2016).

- (101) a. Os perfumes franceses esgotaram-se.  
b. Uns perfumes franceses esgotaram-se.

(DUARTE; FIGUEIREDO SILVA, 2016, p. 236)

A impossibilidade de (100) e a possibilidade de (101b) indicam que o sujeito pré-verbal e o tópico não ocupam a mesma posição na estrutura (cf. QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

As sentenças copulares invertidas também apresentam comportamento interessante. Cardinaletti (2004) aponta diferenças entre o italiano e o inglês, como (102).

- (102) a. La causa della rivolta sono Gianni e Maria.  
b. The cause of riot is Hans and Maria.

(CARDINALETTI, 2004, p. 125)

Quarezemin e Cardinaletti (2017) observam que o PB apresenta o mesmo comportamento do italiano, em relação às copulares invertidas, conforme (103)<sup>14</sup>.

- (103) a. A causa da revolta são João e Maria.  
b. O futuro da nação são os jovens.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 15)

As sentenças em (103) confirmam que os requisitos do sistema de Caso-concordância não são suficientes para motivar o movimento para a posição de sujeito. Assim, as autoras propõem que a propriedade dos sujeitos, nestes casos, é codificada na sintaxe através de uma característica morfossintática – sujeito da predicação. Isso evidencia a diferença entre sujeitos pré-verbais e tópico sentencial. Em (104), apresentamos as estruturas propostas para as sentenças copulares invertidas do inglês, do italiano e do PB, respectivamente (cf. CARDINALETTI, 2004, p. 125).

- (104) a. [<sub>SubjP</sub> The cause of the riot<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> is [<sub>SC</sub> John and Mary t<sub>i</sub>]]]  
b. [<sub>SubjP</sub> La causa della rivolta<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro<sub>expl</sub>* sono [<sub>SC</sub> Gianni e Maria t<sub>i</sub>]]]  
c. [<sub>SubjP</sub> A causa da revolta<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro<sub>expl</sub>* são [<sub>SC</sub> João e Maria t<sub>i</sub>]]]

Quarezemin e Cardinaletti (2017) ainda discutem dados produtivos no PB, que apresentam tema/paciente em posição de sujeito, concordando com o verbo, como em (105a) e (105b). Tais sentenças são denominadas construções absolutas, conforme Negrão e Viotti (2010). Em italiano, tais construções são possíveis com um pronome *si* impessoal, conforme (105c) e (105d).

- (105) a. Meu jardim destruiu todo com a reforma.  
b. O programa que eu queria não instalou.

(NEGRÃO; VIOTTI, 2010, p. 38; 39)

- c. Il mio giardino si è distrutto tutto con la riforma.  
d. Il programma che volevo no si è installato.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 18)

---

<sup>14</sup> No PB, o verbo também pode concordar com o predicativo frontado, como em *O futuro da nação é os jovens*.

As autoras observam que, tanto no PB quanto em italiano, o argumento externo agentivo não pode ser expresso nas construções absolutas, como ilustrado em (106). Assim, as diferenças entre as línguas em questão são mínimas e dizem respeito à representação lexical dos verbos.

- (106) a. \*Minhas casas ‘tão’ construindo o arquiteto.  
 b. \*Il programma che volevo non si è installato l’operatore.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 18)

Diante das evidências apresentadas, Quarezemin e Cardinaletti (2017) defendem que construções locativas também apresentam os constituintes pré-verbais em posição argumental, e não deslocado à esquerda em posição de tópico.

No caso do PPloc, este é movido diretamente para a posição SpecSubjP, o que faz com que não cheque Caso nominativo e que a leitura impessoal, genérica seja garantida.

- (107) [<sub>SubjP</sub> Na rádio da universidade<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> toca/tocam [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> as melhores músicas]]].

Já o DPloc frontado se move para SpecTP, checka seus traços de Caso e concordância e, em seguida, desloca-se para SpecSubjP. Aqui, a interpretação impessoal não é possível, uma vez que a passagem do DPloc pela posição SpecTP bloqueia a possibilidade de ocorrer um *pro*<sub>genérico</sub>.

- (108) [<sub>SubjP</sub> A rádio da universidade<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> toca [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> as melhores músicas]]].

As autoras defendem, então, que tanto PPloc quanto DPloc, presentes em construções locativas, configuram em posição SpecSubjP, onde recebem o traço de sujeito da predicação.

No próximo capítulo, a fim de fundamentar nossa análise sobre as estruturas de sentenças com sujeitos locativos, exploramos mais a fundo os argumentos apresentados por Quarezemin e Cardinaletti (2017).

## 2.6 RESUMO DO CAPÍTULO 2

Neste segundo capítulo, apresentamos as principais características da sintaxe do sujeito no PB. Para tanto, descrevemos, em linhas gerais, o Princípio da Projeção Estendida (EPP), o qual mostra que a posição de sujeito na estrutura sintática é obrigatória, ou seja, todas as línguas possuem uma posição estrutural destinada ao sujeito (Cf. CHOMSKY, 1982).

Também apresentamos o Parâmetro *pro-drop* que está alinhado ao EPP. Tal Parâmetro foi elaborado por Chomsky (1981) e contém cinco propriedades: 1. Sujeito nulo; 2. Inversão livre do sujeito; 3. Movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-; 4. Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; e 5. Aparente violação do filtro *that-t*. As línguas, então, são caracterizadas em [+ *pro-drop*] ou em [- *pro-drop*]. Dessa forma, as línguas que fixaram um valor positivo para o parâmetro (línguas *pro-drop*), como o italiano, o espanhol e o PE, atendem aos requisitos propostos, diferentemente, por exemplo, do inglês e do francês (línguas não *pro-drop*).

A partir das propriedades elencadas, compreendemos que este parâmetro está relacionado tanto à realização do sujeito como com sua inversão em relação ao verbo (ordem verbo - sujeito (VS)) (cf. CHOMSKY, 1981). Por isso, apresentamos o sistema flexional e pronominal do PB, a partir de Kato e Tarallo (1993), Duarte (1996), Figueiredo Silva (1996), Kato (1999), Duarte e Figueiredo Silva (2016), entre outros. E também apresentamos a inversão livre de sujeito (ordem VS) no PB, conforme Kato e Tarallo (1993) e Pilati (2006), a qual apresenta o licenciamento de uma série de sentenças com ordem VS com verbos inacusativos, inergativos e transitivos (ver tabela 2).

Foi possível perceber, também neste capítulo, que não há consenso quanto à classificação tipológica do PB. Para contribuir com esta discussão, nos baseamos em autores como Li e Thompson (1976), Pontes (1987), Duarte e Kato (2008), Avelar (2009), Costa (2010), Kenedy (2014), entre outros.

Na seção 2.5, a última do capítulo, apresentamos as análises de diferentes autores para os dados produtivos no PB, em relação ao aparecimento recorrente de sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais. Entre os autores citados estão: Negrão e Viotti (2008; 2010; 2011), Avelar (2009), Avelar e Cyrino (2009) e Quarezemin e Cardinaletti (2017).

No próximo capítulo, apresentaremos uma discussão sobre a estrutura sintática de sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais, levando

em consideração (i) a discussão proposta até aqui; e (ii) os resultados do questionário de aceitabilidade, aplicado com falantes do PB.



### 3 A SINTAXE DO SUJEITO EM CONSTRUÇÕES COM PP LOCATIVO e DP LOCATIVO PRÉ-VERBAIS

Neste capítulo, descrevemos as propriedades que diferenciam o PP locativo pré-verbal do DP locativo pré-verbal e mostramos uma proposta cartográfica de análise estrutural para construções com PPloc e DPloc, ambos em posição pré-verbal.

Para contribuir com a nossa descrição e análise, foi aplicado um questionário de aceitabilidade, visando detectar algumas características que diferenciam ou aproximam as duas construções em foco neste trabalho.

#### 3.1 DESCRIÇÃO DOS PP LOCATIVOS E DP LOCATIVOS PRÉ-VERBAIS

A partir do exposto no capítulo 2, percebemos que não há consenso quanto à classificação tipológica do PB, uma vez que algumas das construções/sentenças que são utilizadas para justificá-lo como língua de proeminência de tópico são aceitas em línguas de proeminência de sujeito, como o PE e o italiano, por exemplo.

No PB, as inversões locativas, nas quais um PPloc aparece em posição pré-verbal, são muito produtivas.

- (109) a. Nessa sala cabe muita gente.  
b. No apartamento da frente bate muito sol.

Tais construções são usadas por alguns autores para justificar o PB como língua voltada para discurso, já que permite o deslocamento do PPloc para uma posição de tópico. Pontes (1987) observa a possibilidade de se estabelecer concordância entre o verbo e o tópico, conforme (110).

- (110) Essas casas batem sol.

Em (110), o constituinte fronteado é considerado um sintagma locativo, o qual representa o local onde o sol bate. Assim, neste exemplo, além da concordância, é possível perceber a perda da preposição do constituinte pré-verbal. Alguns autores afirmam que isto vem ocorrendo com maior frequência no PB (cf. AVELAR; GALVES, 2013; NEGRÃO; VIOTTI, 2013), conforme (111).

- (111) a. Na livraria vende livros.  
b. A livraria vende livros.

Partindo desta ideia, Avelar e Cyrino (2009) observam que a preposição do PPloc pode ser eliminada, sem resultar em alteração no sentido da sentença ou no papel temático atribuído ao constituinte em posição pré-verbal. Entretanto, Quarezemin (2017) observa que é necessário considerar o contraste entre (112b) e (113b).

- (112) a. Na livraria vende-se livros.  
b. \*A livraria vende-se livros.
- (113) a. Vende livros na livraria.  
b. \*Vende livros a livraria.

Os exemplos em (112) e (113) nos mostram diferenças em propriedades semânticas, além das sintáticas, uma vez que construções com PPloc parecem estar relacionadas à natureza impessoal, enquanto sentenças com DPloc não permitem tal relação. Observamos que apenas o PP locativo, mesmo estando em posição pós-verbal, dispara uma leitura genérica.

Tendo em mente essa discussão, aplicamos o questionário de julgamento de gramaticalidade/aceitabilidade de sentenças para observar principalmente duas propriedades:

- 1) Se os falantes de fato aceitam as sentenças com PPloc pré-verbal como possível sujeito; e se ainda reconhecem as sentenças com pronome *SE* e verbo na terceira pessoa do plural, formas prototípicas da leitura genérica nas línguas românicas em geral;
- 2) Se a diferença entre a sentença com PPloc pré-verbal e a sentença com DPloc pré-verbal se mantém, o que justificaria uma proposta de análise estrutural distinta para as duas construções.

### 3.2 QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE

Com o intuito de contribuir com nossa análise estrutural, elaboramos um rápido questionário de aceitabilidade, a fim de verificar o julgamento de sentenças com PPloc e DPloc fronteados pelos falantes nativos do PB. Nas seções, a seguir, apresentamos a metodologia e os resultados do experimento.

### 3.2.1 Metodologia do experimento

Partindo de sentenças presentes em pesquisas anteriores, criamos um *corpus* com variações de um mesmo contexto, envolvendo PPloc e DPloc fronteados, a fim de questionar a aceitabilidade delas por parte dos informantes. Ao todo, foram julgadas 42 sentenças, sendo 24<sup>15</sup> com PPloc pré-verbal e 18 com DPloc pré-verbal. O quadro abaixo mostra os dados empregados nesse questionário.

Quadro 2 – Sentenças julgadas pelos falantes do PB

Sentenças com PPloc pré-verbal	Sentenças com DPloc pré-verbal
Na livraria vende livros. Na livraria vendem livros. Na livraria vende-se livros <sup>16</sup>	A livraria vende livros. A livraria vendem livros. A livraria vende-se livros.
Na escola aceita cartão de crédito. Na escola aceitam cartão de crédito. Na escola aceita-se cartão de crédito. Nas escolas aceita cartão de crédito. Nas escolas aceitam cartão de crédito.	A escola aceita cartão de crédito. A escola aceitam cartão de crédito. A escola aceita-se cartão de crédito.
No curso ensina bordado à mão. No curso ensinam bordado à mão. No curso ensina-se bordado à mão.	O curso ensina bordado à mão. O curso ensinam bordado à mão. O curso ensina-se bordado à mão.
No computador imprime fotos. No computador imprimem fotos. No computador imprime-se fotos. Nos computadores imprime fotos. Nos computadores imprimem fotos.	O computador imprime fotos. O computador imprimem fotos. O computador imprime-se fotos.
Nessa sapataria conserta sapato de couro.	Essa sapataria conserta sapato de couro.

<sup>15</sup> As sentenças com PPloc pré-verbal plural foram pensadas, inicialmente, como sentenças distratoras, uma vez que não há discussão sobre estes casos na literatura. Entretanto, após a aplicação do questionário, percebemos que o PPloc plural, em posição fronteada, necessariamente dispara a leitura genérica, com uso da terceira pessoa do plural (*pro*<sub>genérico</sub>), conforme mostra os resultados do experimento na seção 3.2.2. Assim, consideramos que esta questão precisa ser melhor investigada em pesquisas futuras. Consideramos importante também rever o número de sentenças distratoras, uma vez que o recomendado é usar o dobro delas em relação às sentenças investigadas.

<sup>16</sup> Apesar de haver uma preferência dos falantes do PB pelo uso da próclise, optamos por exemplos com o pronome *SE* em posição de ênclise, já que as sentenças do questionário elaborado são simples, curtas e sem nenhum elemento que condicione o uso da próclise. Esta é uma questão que pode ser investigada em pesquisas futuras.

Nessa sapataria consertam sapato de couro. Nessa sapataria conserta-se sapato de couro.	Essa sapataria consertam sapato de couro. Essa sapataria conserta-se sapato de couro.
Nessa rádio toca as melhores músicas. Nessa rádio tocam as melhores músicas. Nessa rádio toca-se as melhores músicas.	Essa rádio toca as melhores músicas. Essa rádio tocam as melhores músicas. Essa rádio toca-se as melhores músicas.
Nos hospitais contrata enfermeiros. Nos hospitais contratam enfermeiros.	

Fonte: Elaborada pela autora.

Cada sentença foi julgada como aceitável ou não aceitável. Para isso, orientamos os participantes da seguinte forma: *“Estamos estudando um fenômeno sintático e precisamos de informantes para testar nossas hipóteses. Não se preocupe com certo e errado, apenas queremos saber como os falantes do Português Brasileiro julgam determinadas sentenças. Por isso, o questionário é do tipo múltipla-escolha, com 2 alternativas: 1) ACEITÁVEL – caso você considere que a sentença apresentada tem boa formação sintática e é aceitável pelos falantes nativos; e 2) NÃO ACEITÁVEL – caso a sentença apresentada cause estranhamento ou você considere pouco provável um falante do português brasileiro se expressar desta maneira”*.

Além das 42 sentenças, os participantes responderam questões básicas como idade, sexo, cidade onde nasceu e escolaridade, as quais não serão consideradas para a análise dos resultados. Ao final do questionário, colocamos, ainda, um campo opcional para comentários.

O questionário foi respondido por 100 informantes aleatórios, nascidos em diversos estados brasileiros, entre eles Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Maranhão, sendo o primeiro com maior participação – 74%. Do número total de informantes, 77% é do sexo feminino e 23% do sexo masculino. Quanto à escolaridade, 81% possui Ensino Superior completo, 13% Ensino Superior incompleto e 6% Ensino Médio completo. Já a idade teve variação entre 18 e 76 anos.

É importante ressaltar, ainda, que ele foi respondido anonimamente pelas redes sociais, através de formulário *Google*, caracterizando-se uma pesquisa de método *off-line*, já que não houve contato com os participantes, nem controle do tempo de resposta. Por este motivo, e pelo tempo destinado à coleta de dados, a pesquisa não passou pelo Comitê de Ética.

### 3.2.2 Resultados do experimento

Abaixo, listamos e descrevemos os resultados, os quais serão analisados e discutidos na próxima seção deste capítulo.

Tabela 1 – Resultados em porcentagem para sentenças com PPloc fronteado

<b>Sentenças com PPloc pré-verbal</b>	<b>Aceitável</b>	<b>Não aceitável</b>
Na livraria vende livros.	63%	37%
Na livraria vendem livros.	79%	21%
Na livraria vende-se livros.	93%	7%
Na escola aceita cartão de crédito.	75%	25%
Na escola aceitam cartão de crédito.	83%	17%
Na escola aceita-se cartão de crédito.	90%	10%
Nas escolas aceita cartão de crédito.	34%	66%
Nas escolas aceitam cartão de crédito.	86%	14%
No curso ensina bordado à mão.	51%	49%
No curso ensinam bordado à mão.	92%	8%
No curso ensina-se bordado à mão.	95%	5%
No computador imprime fotos. <sup>17</sup>	37%	63%
No computador imprimem fotos.	46%	54%
No computador imprime-se fotos.	78%	22%
Nos computadores imprime fotos.	20%	80%
Nos computadores imprimem fotos.	59%	41%
Nessa sapataria conserta sapato de couro.	50%	50%
Nessa sapataria consertam sapato de couro.	83%	17%
Nessa sapataria conserta-se sapato de couro.	98%	2%
Nessa rádio toca as melhores músicas.	70%	30%
Nessa rádio tocam as melhores músicas.	93%	7%

<sup>17</sup> Adaptamos este conjunto de sentenças, a partir daquela apresentada por Avelar e Galves (2013, p. 09): “*No meu computador imprime a etiqueta corretamente*”. Entretanto, percebemos que a aceitabilidade destas foi menor nos contextos com PPloc pré-verbal, quando comparada às porcentagens obtidas em outras sentenças do nosso questionário. Dessa maneira, levantamos a possibilidade de os participantes as estranharem por questões de ordem semântica (o computador precisa estar conectado a uma impressora para imprimir fotos).

Nessa rádio toca-se as melhores músicas.	76%	24%
Nos hospitais contrata enfermeiros.	17%	83%
Nos hospitais contratam enfermeiros.	77%	23%

Fonte: Elaborada pela autora.

No caso das sentenças com PPloc fronteado (tabela 1), ficou claro que os falantes ainda preferem os contextos prototípicos de sentenças impessoais, isto é, o uso do pronome *SE* e o uso do verbo na terceira pessoa do plural. As sentenças com pronome “*Nessa sapataria conserta-se sapato de couro*” e “*No curso ensina-se bordado à mão*” obtiveram altos índices de aceitabilidade 98% e 95%, respectivamente. Já as sentenças com o verbo na terceira pessoa do plural “*Nessa rádio tocam as melhores músicas*” e “*No curso ensinam bordado à mão*” apresentaram 93% e 92% de aceitação respectivamente.

A partir disso, verificamos que os falantes analisados ainda preferem a forma *default*<sup>18</sup> para uma leitura impessoal, o que é observado no contraste entre as sentenças “*Nessa sapataria conserta-se sapato de couro*” – 98%; “*Nessa sapataria consertam sapato de couro*” – 83%; “*Na livraria vende-se livros*” – 93%; “*Na livraria vendem livros*” – 79%. Aqui cabe destacar que em contextos de fala espontânea dificilmente temos o uso de sentenças com o pronome *SE* em posição de ênclise, entretanto estas estruturas ainda podem aparecer na escrita formal dos usuários da língua.

Os resultados mostram também que as construções com PPloc e verbo na terceira pessoa do singular também foram aceitas, indo ao encontro da literatura. Assim, sentenças como “*Na escola aceita cartão de crédito*” e “*Nessa rádio toca as melhores músicas*” foram aceitas por 75% e 70% dos participantes, respectivamente.

Por outro lado, os altos índices de aceitação das sentenças com DPloc em concordância com o verbo (tabela 2), pelos participantes, revelam que o constituinte locativo, nesse caso, se comporta como qualquer argumento externo de verbo transitivo e, por isso, precisa passar pela posição destinada ao Caso do sujeito para a checagem de nominativo.

<sup>18</sup> Acreditamos que a escolha pela forma *default* pode estar diretamente relacionada ao alto grau de escolaridade dos participantes da pesquisa – 81% com ensino superior completo e 13% com ensino superior incompleto, como mencionado anteriormente. Desse modo, consideramos que a escolaridade é outra variável que deve ser controlada em estudos futuros.

Tabela 2 – Resultados em porcentagem para sentenças com DPloc fronteado

<b>Sentenças com DPloc pré-verbal</b>	<b>Aceitável</b>	<b>Não aceitável</b>
A livraria vende livros.	93%	7%
A livraria vendem livros.	6%	94%
A livraria vende-se livros.	6%	94%
<hr/>		
A escola aceita cartão de crédito.	95%	5%
A escola aceitam cartão de crédito.	4%	96%
A escola aceita-se cartão de crédito.	9%	91%
<hr/>		
O curso ensina bordado à mão.	94%	6%
O curso ensinam bordado à mão.	4%	96%
O curso ensina-se bordado à mão.	9%	91%
<hr/>		
O computador imprime fotos.	91%	9%
O computador imprimem fotos.	14%	86%
O computador imprime-se fotos.	8%	92%
<hr/>		
Essa sapataria conserta sapato de couro.	97%	3%
Essa sapataria consertam sapato de couro.	5%	95%
Essa sapataria conserta-se sapato de couro.	10%	90%
<hr/>		
Essa rádio toca as melhores músicas.	97%	3%
Essa rádio tocam as melhores músicas.	16%	84%
Essa rádio toca-se as melhores músicas.	13%	87%

Fonte: Elaborada pela autora.

Observamos que as sentenças “*Essa sapataria conserta sapato de couro*” e “*Essa rádio toca as melhores músicas*” foram aceitas por 97% dos participantes. É interessante observar que o DP pós-verbal pode aparecer tanto no singular quanto no plural, não interferindo no julgamento por parte dos falantes da língua.

Em contrapartida, os baixos índices de aceitabilidade de sentenças com DPloc e o pronome *SE* revelam incompatibilidade, já que não é possível uma leitura genérica neste caso, o que também era esperado. Os participantes reprovaram estes tipos de sentença em até 94%, como foi o caso de “*A livraria vende-se livros*”. As sentenças com DP locativo e verbo na terceira pessoa do plural, por sua vez, também foram consideradas não aceitáveis pelos participantes: “*A escola aceitam cartão*”

de crédito” e “*O curso ensinam bordado à mão*” obtiveram um índice de 96% de rejeição.

A partir dos resultados, cabe novamente ressaltar que o objetivo do questionário era justamente verificar se há diferença entre sentenças com PPloc e sentenças com DPloc fronteados. Tal diferença foi detectada pelos falantes do PB. Assim, nossa hipótese inicial foi comprovada: estamos diante de duas construções sintáticas distintas.

### 3.3 TRAÇANDO UMA PROPOSTA CARTOGRÁFICA PARA OS DADOS DO PB

Conforme mostramos na seção anterior, os falantes do PB percebem as construções com locativo fronteado como estruturas distintas, conforme resultados sistematizados em (114).

(114)

Tabela 3 – Resultados referentes à aceitabilidade de traços impessoais

<b>Sentença</b>	<b>Aceitável</b>	<b>Não aceitável</b>
Na livraria vende-se livros.	93%	7%
A livraria vende-se livros.	6%	94%
No curso ensina-se bordado à mão.	95%	5%
O curso ensina-se bordado à mão.	9%	91%
Nessa sapataria conserta-se sapato de couro.	98%	2%
Essa sapataria conserta-se sapato de couro.	10%	90%
Na escola aceita-se cartão de crédito.	90%	10%
A escola aceita-se cartão de crédito.	9%	91%

Fonte: Elaborada pela autora.

O contraste acima é esperado visto que o DP pré-verbal não abre espaço para uma leitura genérica, do tipo, “*Alguém vende livro na livraria*”, *mas não se sabe quem*. Quando o falante julga aceitável a sentença “*A livraria vende livros*” está considerando o DP [*A livraria*] como o agente desse evento, como aquele que vende livros, ainda que esse DP tenha os traços [- humano, - animado]. Temos um caso em que o todo (a livraria) é tomado pela parte (o vendedor de livros). A mesma situação não se verifica com o PPloc [*Na livraria*] que, mesmo sendo o sujeito da sentença, permanece com o traço [+ localização], deixando o papel do vendedor vazio, ou seja, neste caso, não sabemos quem vende livros.

Outra evidência de que sentenças com PPloc possuem o traço de impessoalidade está ligada à possibilidade de não se estabelecer concordância entre os sintagmas pré e pós-verbais com o verbo, conforme (115b) e (116f), a seguir, o que não ocorre com sentenças com DPloc, como (115d) e (116h).

(115)

Tabela 4 – Comparando a possibilidade de traços impessoais entre sentenças locativas

Sentença			Aceitável	Não aceitável	
PPloc verbal	pré-	a.	Na escola aceita cartão de crédito.	75%	25%
		b.	Na escola aceitam cartão de crédito.	83%	17%
DPloc verbal	pré-	c.	A escola aceita cartão de crédito.	95%	5%
		d.	A escola aceitam cartão de crédito.	4%	96%

Fonte: Elaborada pela autora.

(116)

Tabela 5 – Comparando a possibilidade de traços impessoais entre sentenças locativas

Sentença			Aceitável	Não aceitável	
PPloc verbal	pré-	e.	No curso ensina bordado à mão.	51%	49%
		f.	No curso ensinam bordado à mão.	92%	8%
DPloc verbal	pré-	g.	O curso ensina bordado à mão.	94%	6%
		h.	O curso ensinam bordado à mão.	4%	96%

Fonte: Elaborada pela autora.

Avelar (2009) resume a diferença às propriedades *Agree* pelo fato de o PB ter T defectivo, sem traço de número. Entretanto, os participantes da pesquisa reconhecem e aceitam as sentenças com verbo em terceira pessoa do plural. Nesse sentido, tal evidência parece indicar que ainda temos resquícios de traço de número como ocorre em PE, por exemplo.

De acordo com Negrão e Viotti (2008; 2010; 2011), sentenças impessoais são cada vez mais aceitas no PB. Cabe lembrar que as autoras defendem que a posição de sujeito *default* vazia confere à sentença uma semântica de impessoalidade.

Em concordância, Avelar e Cyrino (2009) afirmam que sentenças como (115a) e (116e) são interpretadas como impessoais ou como tendo um sujeito indeterminado. Os autores ressaltam que os falantes do PE só aceitam tais sentenças caso elas recebam uma interpretação na qual o sujeito nulo é referencial, como (117).

- (117) a. Na livraria vende(m)-se livros.  
 b. Na escola aceita-se cartão de crédito.  
 c. No curso ensina-se bordado à mão.

Cada vez menos (117) é usual no PB, o que poderia justificar o uso de sentenças como (115a) e (116e). Entretanto, a justificativa não é suficiente para explicar a obrigatoriedade do locativo nesses casos, até mesmo porque o locativo pode ficar na posição mais encaixada, no final da sentença (Vende livros na livraria), e a leitura impessoal ainda é obtida.

- (118) a. \* Vende livros.  
 b. (Na livraria) vende-se livros.  
 c. \* Aceita cartão de crédito.  
 d. (Na escola) aceita-se cartão de crédito.  
 e. \* Ensina bordado à mão.  
 f. (No curso) ensina-se bordado à mão.

Em PE e italiano, Quarezemin e Cardinaletti (2017) observam que tanto são aceitas sentenças contendo o pronome *SE / SI* impessoal ou um *pro* impessoal de terceira pessoa do plural, como ilustrado em (119b) e (120b), respectivamente.

- (119) a. Na escola aceita-se cartão de crédito.  
 b. A scuola si accetta le carte di credito.
- (120) a. Na escola (*pro*) aceitam cartão de crédito.  
 b. A scuola (*pro*) accettano le carte di credito.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 13)

Com relação às sentenças com DPloc frontado, os resultados obtidos, através do julgamento de falantes do PB, revelam que a natureza

impessoal não faz parte da semântica destas construções e, por esta razão, os exemplos em (121) não são aceitos.

- (121) a. \* A livraria vende-se livros.  
 b. \* A escola aceita-se cartão de crédito.  
 c. \* O curso ensina-se bordado à mão.

De fato, sentenças locativas com DP pré-verbal, aliadas ao pronome *SE* impessoal, são julgadas agramaticais por parte dos falantes do PB, de acordo com os resultados do questionário de aceitabilidade aplicado.

(122)

Tabela 6 – Sentenças com DP pré-verbal e o uso do pronome SE

<b>Sentença</b>	<b>Aceitável</b>	<b>Não aceitável</b>
Essa rádio toca-se as melhores músicas.	13%	87%
Essa sapataria conserta-se sapato de couro.	10%	90%
A escola aceita-se cartão de crédito.	9%	91%
O curso ensina-se bordado à mão.	9%	91%
O computador imprime-se fotos.	8%	92%
A livraria vende-se livros.	6%	94%

Fonte: Elaborada pela autora.

Segundo Quarezemin (2017), o PPloc fronteado não cria nenhum efeito de interferência em contextos de extração longa do adjunto temporal, como em (123a,c).

- (123) a. Quando ele disse que na escola aceita cartão de crédito?  
 b. ??Quando ele disse que cartão de crédito na escola aceita?  
 c. Quando ele disse que a escola dá cartão de crédito para os alunos?  
 d. ??Quando ele disse que para os alunos a escola dá cartão de crédito?

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 11)

A agramaticalidade de (123b,d) ocorre porque, nestes casos, temos um objeto explicitamente deslocado, na posição de tópico, causando interferência para o movimento da expressão-Wh *quando*. Se o PP

locativo pré-verbal em (123a) e (123c) estivesse em uma posição de tópico, o mesmo resultado seria esperado.

Além disso, o PPloc pré-verbal também não causa interferência no movimento, em contexto de relativa, diferente do objeto deslocado (cf. QUAREZEMIN, 2016; 2017; QUAREZEMIN e CARDINALETTI, 2017).

- (124) a. O cartão de crédito que na minha escola aceita/aceitam é o Visa.  
b. ??O cartão de crédito que para os alunos dão é o Visa.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 12)

Desse modo, concordamos com as autoras que seria esperado não haver contraste entre as sentenças (123a) e (123b), (124a) e (124b), se a posição ocupada pelo PPloc pré-verbal fosse do tipo A-barra. Isso é um indício que nos leva a crer que a posição ocupada pelo PPloc pré-verbal é do tipo argumental.

Outro ponto interessante que nos leva a diferenciar sentenças com PPloc das sentenças com DPloc, ambos em posição pré-verbal, é a possibilidade ou não de retomada por um pronome, conforme observado por Quarezemin e Cardinaletti (2017).

- (125) a. Na minha escola<sub>i</sub>, ela<sub>i</sub>\*<sub>i/j</sub> aceita cartão de crédito.  
b. A minha escola<sub>i</sub>, ela<sub>i</sub>\*<sub>i/j</sub> aceita cartão de crédito.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 13)

Este comportamento também parece estar ligado ao fato de as sentenças com PPloc terem natureza impessoal, uma vez que este não pode ser retomado pelo pronome pessoal (125a); enquanto sentenças com DPloc fronteadas permitem esta retomada (125b).

Diante das evidências apresentadas, assumimos estruturas sintáticas diferentes para sentenças com PPloc pré-verbal e com DPloc pré-verbal, seguindo as propostas de Cardinaletti (2004; 2014) para o italiano e de Quarezemin e Cardinaletti (2017) para o PB.

A possibilidade de o PPloc figurar em posição fronteada é disparada pela propriedade de ser o sujeito da predicação, conforme ocorre nos dados do italiano (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014). Ou seja, o PPloc é movido direto para a posição SpecSubjP, ficando a posição nominativa SpecTP vazia. Por isso, tal constituinte não checa caso

nominativo. Abaixo mostramos a representação dada por Quarezemin e Cardinaletti (2017) para as sentenças com PP locativo pré-verbal do PB.

- (126) a. [<sub>SubjP</sub> Na livraria<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> vende/vendem [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> livros]]]  
 b. [<sub>SubjP</sub> Na escola<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> aceita/aceitam [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> cartão de crédito]]]  
 c. [<sub>SubjP</sub> No curso<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> ensina/ensinam [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> bordado à mão]]]

Observamos que a posição TP vazia confere às sentenças uma leitura impessoal/genérica. As autoras, seguindo Cinque (1988), destacam que estas sentenças estão associadas a um tempo genérico, não-especificado. Neste caso, o *pro* acarreta uma interpretação quase-universal, podendo se aplicar a qualquer indivíduo que participe do evento de *vender*, de *aceitar*, de *ensinar*.

O DPloc fronteado se move para SpecTP, checa seus traços de Caso e concordância e, em seguida, desloca-se para SpecSubjP, onde recebe o traço de sujeito da predicação e é realizado como um sujeito referencial (cf. CARDINALETTI, 2004). Nesse caso, a interpretação impessoal não é possível uma vez que a passagem do DPloc pela posição SpecTP bloqueia a possibilidade de ocorrer um *pro*<sub>genérico</sub>.

- (127) a. [<sub>SubjP</sub> A livraria<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> vende [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> livros]]]  
 b. [<sub>SubjP</sub> A escola<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> aceita [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> cartão de crédito]]]  
 c. [<sub>SubjP</sub> O curso<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> ensina [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> bordado à mão]]]

Assim, as estruturas propostas são:

- [<sub>SubjP</sub> PPloc<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> verbo [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> DP]]], para PPloc pré-verbal.
- [<sub>SubjP</sub> DPloc<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> verbo [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> DP]]], para DPloc pré-verbal.

Os dados produtivos do PB, apresentados nesta pesquisa, revelam que o preenchimento da posição pré-verbal por constituintes que não são o sujeito lógico não está condicionado ao sistema de Caso-concordância, mas sim pelo fato de ser o sujeito da predicação (cf. QUAREZEMIN, 2017). Estas sentenças podem ser comparadas com as sentenças do italiano com um dativo pré-verbal (128a), com o locativo pré-verbal (128b) e na copular invertida (128c).

- (128) a. A Gianni è piaciuto il regalo.  
 (Ao João agradou o presente).

- b. Su Gianni è caduta una grande disgrazia.  
(Sobre João caiu uma grande desgraça).
- c. La causa della rivolta sono Gianni e Maria.  
(A causa da revolta são João e Maria).

(CARDINALETTI, 2004, p. 125)

Observamos, assim, que a sentença com PP locativo pré-verbal não é um fenômeno restrito ao PB, mas aparece em outras línguas românicas, como o italiano e o PE. O que é importante salientar é que a sintaxe do PB permite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular, não configurando nas outras línguas uma sentença impessoal, já que as mesmas recorrem ao uso do pronome *SE* / *SI* ou ao verbo na terceira pessoa plural.

### 3.4 RESUMO DO CAPÍTULO 3

Neste último capítulo, descrevemos as propriedades que diferenciam o PPloc do DPloc pré-verbal e mostramos uma proposta cartográfica de análise estrutural para estas construções. Para colaborar nossa descrição e análise, optamos por aplicar um questionário de aceitabilidade, o qual foi respondido por 100 falantes nativos do PB.

Os resultados obtidos mostraram que, de fato, os participantes percebem diferenças entre as sentenças com PPloc e DPloc em posição fronteada.

No caso das sentenças com PPloc fronteado, ficou claro que os falantes ainda preferem os contextos prototípicos de sentenças impessoais, isto é, o uso do pronome *SE* e o uso do verbo na terceira pessoa do plural. Observamos que os falantes da língua ainda preferem a forma *default* para uma leitura impessoal, o que é observado no contraste entre as sentenças “*Nessa sapataria conserta-se sapato de couro*” – 98%; “*Nessa sapataria consertam sapato de couro*” – 83%; “*Na livraria vende-se livros*” – 93%; “*Na livraria vendem livros*” – 79%. Os resultados mostram também que as construções com PPloc e verbo na terceira pessoa do singular também foram aceitas, ainda que em menor proporção, o que vai ao encontro da literatura.

Em relação às sentenças com DPloc, verificamos um alto índice de aceitação pelos participantes quando há concordância entre o constituinte locativo pré-verbal e o verbo. Isso revela que o constituinte locativo, nesse

caso, se comporta como qualquer argumento externo de verbo transitivo e, por isso, precisa passar pela posição destinada ao Caso do sujeito para a checagem de nominativo. As sentenças “*Essa sapataria conserta sapato de couro*” e “*Essa rádio toca as melhores músicas*” foram aceitas por 97% dos participantes. Em contrapartida, os baixos índices de aceitabilidade de sentenças com DPloc e o pronome *SE* revelam incompatibilidade, já que não é possível uma leitura genérica neste caso, o que também era esperado.

A possibilidade de o PPloc figurar em posição fronteada é disparada pela propriedade de ser o sujeito da predicação, conforme ocorre nos dados do italiano (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014). Ou seja, o PPloc é movido direto para a posição SpecSubjP, ficando a posição nominativa SpecTP vazia. Por isso, tal constituinte não checa caso nominativo. Já o DPloc fronteado se move para SpecTP, checa seus traços de Caso e concordância e, em seguida, desloca-se para SpecSubjP, onde recebe o traço de sujeito da predicação e é realizado como um sujeito referencial (cf. CARDINALETTI, 2004). Nesse caso, a interpretação impessoal não é possível uma vez que a passagem do DPloc pela posição SpecTP bloqueia a possibilidade de ocorrer um *pro*<sub>genérico</sub>. Assim, as estruturas propostas são:

- [<sub>SubjP</sub> PPloc<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> verbo [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> DP]]], para PPloc pré-verbal.
- [<sub>SubjP</sub> DPloc<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> verbo [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> DP]]], para DPloc pré-verbal.

Assim, diante da análise dos resultados e das evidências apresentadas, assumimos estruturas sintáticas diferentes para sentenças com PPloc pré-verbal e com DPloc pré-verbal, seguindo as propostas de Cardinaletti (2004; 2014) para o italiano e de Quarezemin e Cardinaletti (2017) para o PB.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, assentada na abordagem cartográfica, buscou investigar a sintaxe de sentenças com PPloc e DPloc fronteados, as quais são recorrentes no PB. Nossas hipóteses iniciais eram: 1) sentenças com PPloc e sentenças com DPloc não devem receber o mesmo tratamento sintático; e 2) PPloc e DPloc não estão, necessariamente, figurados em posição de tópico. Com isso, o intuito era contribuir com a investigação da divisão do domínio *Infl*, domínio este que comporta diferentes posições para sujeito, conforme defendido por Cardinaletti (2004; 2014).

Nossas hipóteses foram comprovadas a partir de uma revisão teórica sobre o assunto e a partir do questionário de aceitabilidade aplicado, o qual mostrou que os falantes do PB tratam distintamente as sentenças com sintagmas locativos pré-verbais.

No caso dos PPloc, os falantes ainda preferem os contextos prototípicos de sentenças genéricas/impessoais, isto é, o uso do pronome *SE* e o uso do verbo na terceira pessoa do plural. No entanto, os resultados também mostram que as construções com o verbo na terceira pessoa do singular também foram bem aceitas, indo ao encontro da literatura.

Já no caso das sentenças com DPloc fronteadas, os altos índices de aceitação da concordância entre DPloc e verbo revelam que o constituinte locativo, nesse caso, se comporta como qualquer argumento externo de verbo transitivo e, por isso, precisa passar pela posição destinada ao Caso do sujeito para a checagem de nominativo. Em contrapartida, os baixos índices de aceitabilidade de sentenças com DPloc e o pronome *SE* revelam uma incompatibilidade, já que não é possível uma leitura impessoal neste caso, o que também era esperado.

Desse modo, a partir das evidências apresentadas e seguindo Cardinaletti (2004; 2014) e Quarezemin e Cardinaletti (2017), assumimos estruturas distintas para as construções investigadas, fato que corrobora com nossa hipótese inicial.

- (129) a. [<sub>SubjP</sub> PPloc<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> *pro*<sub>genérico</sub> verbo [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> DP]]]  
 b. [<sub>SubjP</sub> DPloc<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> verbo [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> DP]]]

Em (129a) temos a estrutura proposta para construções com PPloc, o qual passa a ser o sujeito da predicação quando aparece em posição pré-verbal. O PPloc, então, é movido direto para a posição SpecSubjP, ficando a posição nominativa SpecTP vazia. Por isso, tal constituinte não checa Caso nominativo. Nesta estrutura proposta, há a presença de um *pro*<sub>genérico</sub>

em posição SpecTP, fator crucial na diferença entre as sentenças locativas analisadas.

Já DPloc pré-verbal se move, inicialmente, para SpecTP, checa seus traços de Caso e concordância e, em seguida, desloca-se para SpecSubjP, onde também recebe o traço de sujeito da predicação, conforme representado em (129b). Cabe ressaltar que a interpretação impessoal não é possível, nesse caso, pois a passagem do DPloc pela posição SpecTP bloqueia a possibilidade de ocorrer um *pro*<sub>genérico</sub>.

Nesse sentido, a partir das evidências apresentadas, concordamos que o preenchimento da posição pré-verbal, nos casos de constituintes que não são o sujeito lógico, não está condicionado ao sistema de Caso-concordância, está relacionado ao fato de ser o sujeito da predicação (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014; QUAREZEMIN, 2016; 2017; QUAREZEMIN e CARDINALETTI, 2017).

Para pesquisas futuras, observamos a necessidade de analisar mais a fundo os aspectos semânticos destas construções, bem como os traços implicados nos constituintes locativos. Além disso, também julgamos importante estudar melhor as questões de concordância (Agree), já que, para muitos autores, é o que realmente diferencia o PB do PE. Por fim, consideramos relevante a aplicação de novos experimentos, controlando algumas variáveis, como, por exemplo, a idade/faixa etária, com a finalidade de verificar se a porcentagem de participantes mais novos é maior do que a de participantes mais velhos, com relação ao uso da forma impessoal, sem o pronome *SE* e sem o verbo na terceira pessoa do plural.

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. In: **Matraga**, 2009. n. 16. p. 232-252.
- AVELAR, J.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. In: **Linguística 3 – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**. 2008. p. 218-149.
- \_\_\_\_\_. Sobre constituintes locativos pré-verbais: paralelismos entre o português brasileiro e as línguas bantu. **Cadernos de estudos linguísticos**. v. 34. 2009. p. 19 – 30.
- AVELAR, J.; GALVES; C. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: A. Costa; I. Falé & P. Barbosa (Orgs.) **Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. 2011. p. 49-65.
- \_\_\_\_\_. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: Moura, Maria Denilda; Sibaldo, Marcelo (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**. 1ª ed. Maceió: Edufal, 2013. p. 103-132.
- BARBOSA, P. P. Clitics: A window into the null subject property. In: COSTA, J. (ed.). **Portuguese syntax: new comparative studies**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: Uma resposta a Costa (2001). In: **D.E.L.T.A.** 22.2, 2006. p. 345-402.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In.: RIZZI, L. (Org.). **The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures**. New York: Oxford University Press, 2004. v. 02. p. 16-51.
- \_\_\_\_\_. Answering strategies: New information subjects and the nature of clefts. In: **Structure and Strategies**. Routledge, 2008.
- \_\_\_\_\_. The focus map of clefts: Extraposition and Predication. University of Siena. In: SHLONSKY, U. **The Cartography of Syntactic Structures series**. Oxford University Press. 2014.

CANÇADO, M. Verbal Alternations in Brazilian Portuguese: a Lexical Semantic Approach. In: **Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics**. 3(1): 2010. p. 77 – 111.

CARDINALETTI, Anna. Toward a cartography of subject positions. In: RIZZI, L. **The Structure of CP and IP**. The Cartography of Syntactic Structures. 2. v. New York: Oxford University Press, 2004. p. 115-165.

\_\_\_\_\_. Cross-linguistic variation in the syntax of subjects. In: **Linguistic Variation in the Minimalist Framework**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 82-107.

CARVALHO, J. M. R. **A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental**: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2016. 288p.

CINQUE, G. On si constructions and the theory of arb. In: **Linguistic inquiry**. v. 19. 1988. p. 521-581.

CINQUE, G; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: **STiL – Studies in Linguistics**. CISCL Working Papers. 2. v. 2008.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R; ROSENBAUM, P. S. (Orgs.). **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn, 1970.

\_\_\_\_\_. On Binding. In: **Linguistic Inquiry**. 11. v. 1. n. Massachussets, 1980. p 1-46.

\_\_\_\_\_. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. Cambridge: MIT, 1982.

\_\_\_\_\_. **Barriers**. MIT Press, Cambridge, Mass. 1986.

COSTA, J.; DUARTE, I. Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated In: **Journal of Portuguese Linguistics**. 2002. p. 159-175.

COSTA, J.; DUARTE, I.; SILVA, C. R. Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs soletração do traço pessoa. In: **Revista Leitura**, n. 33, jul./dez, 2006. p. 135-145.

COSTA, J. PB e PE: orientação para o discurso importa?. In: **Estudos da Língua(gem)** – Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa. v. 8, n. 1, 2010. p. 123-143.

DUARTE, I. A topicalização no português europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. (Eds.) **Actas do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa: APL/Colibri, 1996.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The Null Subject Parameter and the Structure of the Sentence in European and Brazilian Portuguese. In: Wetzels, Leo; Costa, João; Menuzzi, Sérgio (Ed.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 2016. p. 234-253.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

HUANG. J. On the distribution and reference of empty pronouns. In: \_\_\_\_\_. **Linguistic Inquiry**. v. 15. n. 4. 1984. p. 531-574.

KATO, M. Comparando o Português da América com o Português de Portugal e com outras línguas. 2006. In: **Museu da Língua Portuguesa**. Disponível em: <[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas\\_interna.php?id\\_coluna=13](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=13)>. Acesso: abr., 2016.

KATO, M; TARALLO, F. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: KOCH, I. V; SCHLIEBE-LANGE, B. (Orgs.) **Linguistik in Brasil**. Tübingen: Nyemeyer, 1993.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo *raising***. Dissertação de Mestrado. RJ: UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. O status tipológico das construções com tópico no português Brasileiro: uma abordagem experimental. In: **Revista da ABRALIN**. v.13. n.2. 2014. p. 151-183.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (Orgs.). **Subject and topic**. New York: Academic Press Inc., 1976.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. In: **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n. 56, p. 97-139, 2001.

NEGRÃO, E. **Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 1999.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179 – 203.

\_\_\_\_\_. A estrutura sintática das sentenças absolutas no Português Brasileiro. In: **Linguística**. v. 23. 2010. p. 37 – 58.

\_\_\_\_\_. A ergativização do português brasileiro: Uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: DA HORA, D.; NEGRÃO, E. (Orgs.). **Estudos da linguagem. Casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa, PB: Ideia Editora Universitária, 2011. p. 37 – 61.

\_\_\_\_\_. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. In: **Linguística**. vol. 30/(2). 2014. p. 289 – 330.

PEDROZA, J. F. **Sobre a emergência da inversão locativa no Português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2015.

PILATI, E. N. S. **Sobre a ordem verbo-sujeito no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil.** Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2006.

PINTO, M. **Licensing and interpretation of inverted subjects in Italian.** Tese de Doutorado. Utrecht: LED, 1997.

PIRES, A. The subject, it is here! The varying structural positions of preverbal subjects. In: **D.E.L.T.A.** v. 23. 2007. p. 113-146.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, UG, and the structure of IP. In: \_\_\_\_\_. **Linguistic Inquiry** 20, 1989. p. 365-424.

PONTES, E. **O tópico no português brasileiro.** Campinas: Pontes, 1987.

QUAREZEMIN, S. **Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica.** 2009. 289f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2009.

\_\_\_\_\_. Alternância sintática no Português Brasileiro: sujeito ou tópico?. Trabalho apresentado no **Anagrama** (Grammatical Analysis and Corpora). Universidade de Lisboa, 2016.

\_\_\_\_\_. Construções com alternância sintática no Português Brasileiro. A sair em **Actes du XXVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes.** Éditions de Linguistique et de Philologie. Session Morphologie, Syntaxe, Grammaticographie, jul/2017.

QUAREZEMIN, S.; CARDINALETTI, A. Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian. A sair em **Rivista Annali di Ca' Foscari.** Serie occidentale, set/2017.

RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In.: HAEGEMAN, L. (Org.). **Elements of Grammar.** Klumer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

\_\_\_\_\_. **The structure of CP and IP.** The Cartography of Sybctactic Structures. vol. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENH, S.; CORVER, N. (Orgs.). **Wh movement Moving on**. MIT Press, 2006.

\_\_\_\_\_. On Some Properties of Criterial Freezing. In: V. Moscati (Org.). **STiL - Studies in Linguistics**. CISCL Working Papers on Language and Cognition. v. 1. 2007. p. 145-158.

RIZZI, L. & SHLONSKY, U. Strategies of Subject Extraction. In.: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H. M. (Orgs.). **Interfaces + Recursion = Language?**. Mouton De Gruyter, 2007.

SHLONSKY, U. Agreement in Comp. In: **The Linguistic Review**, 1994. p. 351-375.

TESCARI NETO, A. **O que é o ‘Programa Cartográfico’ e qual a sua importância para os estudos da sintaxe do português brasileiro?**. (no prelo).